



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

REBECA KLYWIANN CARDONE LOURENÇO

**O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NA PARAÍBA NO
PERÍODO DE 1969 A 2022**

João Pessoa

2022

REBECA KLYWIANN CARDONE LOURENÇO

**O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NA PARAÍBA NO
PERÍODO DE 1969 A 2022**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves.

João Pessoa
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L892p Lourenço, Rebeca Klywiann Cardone.

O protagonismo social das mulheres na constituição e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba de 1969 a 2022 / Rebeca Klywiann Cardone Lourenço. - João Pessoa, 2022.
56 f. : il.

Orientação: Gracy Kelli Martins Gonçalves.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Protagonismo social. 2. Mulheres na ciência. 3. Estudos de gênero. 4. Biblioteconomia - Nordeste. 5. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. I. Gonçalves, Gracy Kelli Martins. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02

REBECA KLYWIANN CARDONE LOURENÇO

**O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO E
CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NA PARAÍBA NO
PERÍODO DE 1969 A 2022**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Biblioteconomia do
Centro de Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Federal da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do Título de Bacharela.

Orientadora: Profa. Dra. Gracy Kelli Martins
Gonçalves.

Aprovado em 15 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 GRACY KELLI MARTINS GONCALVES
Data: 27/12/2022 10:09:18-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves
Orientadora – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 GISELE ROCHA CORTES
Data: 27/12/2022 11:48:40-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes
Examinadora Interna – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE
Data: 27/12/2022 16:21:58-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque
Examinadora Interna – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, pelo fôlego de vida, por ser para mim, além de Verbo Vivo, amparo, colo e abrigo nos momentos de dor. Por se fazer presente em momentos que somente eu e Ele sabemos. Por ser a fonte que jorra a força que me fez chegar até aqui... Obrigada, Pai.

À **mim mesma**, por toda a minha resiliência; por todas as madrugadas de sono perdidas estudando; por todos as saídas e eventos noturnos que não pude estar presente nesses 6 anos; por conciliar trabalho doméstico, trabalho remunerado e graduação; por todas as vezes que silencieei as vozes externas opressoras e decidi me ouvir e fazer o melhor por mim mesma; por todas as vezes que tentaram silenciar os sonhos que pulsam dentro de mim e eu por pura teimosia, não permiti; por no período da pandemia de 2020-2021, mesmo no olho do furacão ter resistido e não desistido.

Ao meu esposo, **Filipe**, por todos os momentos bem vividos desde 2012, quando o conheci. Por todo amor, carinho, parceria e companheirismo que encontro em você. Por todo o zelo e cuidado que sempre teve comigo, por em todos os momentos que precisei, estar ao meu lado, por me render boas risadas – principalmente nos momentos mais inoportunos - e por ser o motivo de eu acreditar que a vida pode ser bela outra vez. Obrigada por tudo amor, principalmente pela compreensão nos momentos de fim de período, nos processos seletivos e no término dos prazos. Ano que vem tem mais... (risos). Essa e tantas outras conquistas que virão são para além de minhas, nossas. TE AMO!

Ao meu irmão **Pyettr Joseph**, por fazer despertar em mim uma resistência que eu nem sabia que poderia ter. Obrigada por buscar em mim refúgio nas tempestades da vida e por me permitir ser o seu guarda-chuva. Sua irmã te ama, minha vida é mais feliz quando você me conta as suas curiosidades sobre o mundo, quando vejo você tão espontaneamente dançar, quando me abraça sem razão, quando vejo o seu olhinho brilhar falando do que ama, quando ouço você me chamar de ‘meca’. Todas as minhas conquistas são também por você.

À minha mãe, **Ângela** por me fazer uma mulher forte e independente. Por me dar uma educação autônoma e com senso de responsabilidade e por fazer o melhor que pôde com as ferramentas que tinha. Obrigada por investir o seu tempo e recursos financeiros em mim, por todo trabalho materno, em tempo integral e não remunerado que me permitiu chegar até onde estou. Obrigada, mãe, por não colocar limites nos meus sonhos, por me enxergar do tamanho que eles são e por sonhar junto comigo. Te amo daqui até a eternidade.

Ao meu irmão **Klywenn Cardone**, pelos momentos de descontração, por ouvir os meus desabaços quando as coisas pesavam mais do que eu poderia aguentar, pelas palavras de conforto e por cuidar de mim, à sua maneira.

À minha psicóloga, Dra. **Jennifer Amaro**, pela escuta ativa e acolhedora desde o primeiro momento no consultório em 2019, pelo abraço na alma recebido em cada sessão, por me auxiliar no tratamento das minhas feridas emocionais me conduzindo pelo caminho de uma vida com saúde mental, desenvolvendo o meu potencial e a gratidão na alma. Querida Jenni, suas palavras em terapia continuam me fortalecendo de inúmeras formas e me trouxeram até aqui, obrigada!

À minha orientadora, Profa. Dra. **Gracy Kelli Martins Gonçalves**, a quem destino minha imensa admiração, por todo apoio e incentivo no empreendimento deste trabalho e à minha continuidade na carreira científica. Nossa sintonia se deu desde a nossa primeira reunião de orientação da monografia, em 2019, quando apresentei minha temática de interesse e ela me disse que estava submetendo um projeto de pesquisa naquele dia no mesmo sentido, porém, com recorte a nível nacional. Posteriormente, se tornou minha orientadora de PIBIC's e de vida. Professora Gracy, sou grata por toda a receptividade, por todos os ensinamentos compartilhados comigo nesses quatro anos de orientação, pela compreensão nos momentos que precisei e principalmente, por acreditar tanto em mim. A nossa caminhada de orientanda e orientadora encerra-se formalmente aqui, mas levarei a senhora comigo durante toda a minha vida. Obrigada por enxergar em mim o que às vezes nem eu mesma conseguia enxergar.

À Profa. Dra. **Gisele Rocha Côrtes**, que é uma querida e tanto me inspira. Sou grata por todas as vezes que me apontou o caminho da ciência como um caminho possível e para além, me preparou para isso. Com a Profa. Gisele ingressei no meu primeiro PIBIC, e me aprofundei nos estudos da literatura feminista e nos estudos de gênero que pautam muito de quem sou hoje e foram primordiais para a superação do ano de 2020. Obrigada por no momento que mais precisei, ter estado lá por mim Professora Gisele, nunca esquecerei.

Às Professoras do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia por atuarem com protagonismo e dedicação ao ensino, em especial, à Profa. Dra. **Rosa Zuleide Lima de Brito**, atual Coordenadora do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UFPB que sempre se colocou à disposição do alunado desta instituição, desde a impressão de uma atividade, até a facilitação de acesso a documentos para a realização desta pesquisa. E à Profa. Dra. Elizabeth Baltar pelas significativas contribuições a este trabalho com as explanações por meio da memória oral, e também, por suas atuações fundamentais nas vivências e construções da história do curso.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação e Representação da Informação e os Marcadores Sociais da Diferença (**GeMinas**), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), ao qual sou membra. Pelas partilhas e fortalecimento mútuo, principalmente no período de isolamento da pandemia da Covid-19. Fundado em 2020, as reuniões e programações do GeMinas me salvaram diversas vezes durante esse período, me lembrando constantemente de quem eu sou e que mesmo isolada, não estava sozinha.

Às companheiras de pesquisa e de luta, que a UFPB me deu, **Vanessa Nunes**, Ma. **Maria Cristiana Félix**, Ma. **Aurekelly Silva** e Ma. **Ana Patrícia Moura**, vocês me inspiram a ir além. Muito me alegra ver o sucesso e a ascensão profissional de cada uma. Obrigada por toda parceria que já tivemos juntas e pelos trabalhos empreendidos, que venham mais!

À Bibliotecária, Ma. **Katiane da Cunha Souza**, Coordenadora da Biblioteca Setorial Professor Berilo Borba (BSBB), vinculada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (CCSA/UFPB), ao qual sempre digo e aqui direi mais uma vez: meu exemplo de bibliotecária a ser seguido. Obrigada por em 2019 me mostrar a proatividade, responsabilidade social e humanidade que requer a profissão biblioteconômica e para além de uma mentora e companheira de profissão, ser uma amiga querida que torce pelo meu sucesso e me incentiva a enxergar o lado bom da vida.

À **equipe da BSBB**, o qual estagiei em 2019 e me ensinou, cada um/a à sua maneira como ser uma Bibliotecária de excelência e cujo carinho que guardo desse período é imenso, em especial a Bibliotecária Ma. **Ana Cláudia Lopes de Almeida**, o Bibliotecário Me. **André Domingos da Silva**, o Bibliotecário **Antônio Genésio Sousa Filho** e a Atendente **Maria Ivonete Marques**.

À **Vovó Dalva**, Tia **Rose** e Tia **Alexsandra**, pois, quando penso em cada uma de vocês sinto orgulho e me recordo que venho de uma família de mulheres fortes e resilientes, que não se deixam esmorecer apesar das dificuldades que se apresentam na vida, o que me faz querer avançar cada vez mais. Com vocês aprendi que não há nada que uma mulher não consiga fazer. Obrigada por serem o meu aplauso, mas também, o meu acalento. Amo cada uma imensamente.

À **Izabella Félix da Silva**, amiga amada que o Curso me deu. Obrigada por me trazer de volta para a realidade quando perdida no mar da ansiedade. Obrigada por cada ligação telefônica e por cada risada compartilhada. Obrigada por compreender os meus sumiços por causa de algum prazo acadêmico e por não me cobrar nada, pelo contrário, ser aquela que

oferece ajuda, principalmente no momento que mais precisei. A Graduação com certeza foi mais leve por sua causa.

À minha rede de apoio na forma de **Anna Beatriz Freitas de Lemos**, juntamente com Tia **Gersonita Lemos**, sua mãe, como também, a **Dayanna** e **Ed**. Obrigada por sempre me incentivarem nos estudos, acreditando em mim e demonstrando satisfação e felicidade por cada conquista minha. Gratidão pelas vezes que me disponibilizaram suas casas para estudar e por cada refeição e conversas triviais à mesa que me fizeram esquecer por um momento os problemas da vida e me sentir parte da família de vocês, e por todas as palavras de bênção e orações a mim destinadas. Sempre serei grata.

À minha amiga **Andressa Damasceno**, que sempre prestativa e com uma alegria contagiante fez com que cada semestre da Graduação se transformasse em uma grande aventura. As aulas eram bem mais divertidas com você, amiga. Obrigada por existir.

À **Coldplay**, por estar presente nos momentos importantes da minha vida. Pelas músicas que me permitiram alcançar a concentração necessária durante os estudos e que por tantas vezes me salvaram nos meus piores dias, abrindo portas em situações que eram sem saída para mim, me teletransportando, mesmo que momentaneamente, para um lugar de segurança e conforto. Obrigada.

Gratidão ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**), agência de fomento que concedeu as bolsas necessárias para o desenvolvimento das pesquisas que resultou nesta monografia, e à Universidade Federal da Paraíba (**UFPB**), que distribuiu as bolsas e pela criação do Curso de Biblioteconomia o qual cursei.

Por fim, sou grata a todas/os/es que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização e realização deste trabalho.

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. (ADICHIE, 2019, p. 32)

RESUMO

A pesquisa versa sobre o protagonismo social das mulheres na constituição e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba, no período de 1969 a 2022. Objetiva verificar a trajetória do ensino de Biblioteconomia no Estado da Paraíba por meio de documentos do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba tendo como objetivos específicos: a) Identificar as docentes do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba desde a sua fundação; b) Descrever o percurso de consolidação e crescimento do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na UFPB e as contribuições e atuações profissionais das docentes na instituição e no cenário paraibano da Biblioteconomia; c) Sintetizar o registro das mulheres que protagonizaram/protagonizam a implantação e consolidação do Ensino de Biblioteconomia na Paraíba em uma linha do tempo com a titulação e o período de vinculação das docentes à UFPB. A natureza da pesquisa se configura como quanti-qualitativa, caracterizando-se como uma investigação de cunho bibliográfico com caráter documental. Identificou-se publicações e documentos para a coleta e reunião de informações sobre o ensino de Biblioteconomia na Paraíba, buscando identificar nos registros os nomes e atuações das mulheres que estiveram à frente do processo de implantação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UFPB. Para além disso, identificou-se as mulheres que compõem e compuseram o quadro de docentes do Curso, desde a sua fundação até a atualidade, bem como a formação acadêmica dessas docentes, suas atuações na instituição e o período de vínculo com a instituição. A partir da análise e organização dos dados, dada a extensão e a natureza do projeto, a representação dos registros foi estruturada no formato de uma linha do tempo, no qual duas categorias foram estabelecidas: o nome das docentes protagonistas e o período que possuíram/possuem vínculo com a UFPB. Conclui-se que é notório o protagonismo social das mulheres na Constituição e Consolidação do Ensino de Biblioteconomia na Paraíba, no período de 1969 a 2022. Reconhece-se o papel desempenhado por cada docente ao romper com a estrutura patriarcal que atribui às mulheres um lugar de invisibilidade, tornando-se, cada uma delas, protagonistas sociais em suas áreas de atuação, e evidenciando a necessidade da representatividade das mulheres na ciência, com vistas a abrir caminhos para outras docentes e pesquisadoras, inspirando-as a seguirem na luta por mudanças no cenário científico e por uma ciência mais aberta, acessível e inclusiva.

Palavras-chave: protagonismo social. mulheres na ciência. estudos de gênero. Biblioteconomia - Nordeste. Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

ABSTRACT

The research deals with the social protagonism of women in the constitution and consolidation of the teaching of Library Science in Paraíba, from 1969 to 2022. It aims to verify the trajectory of the teaching of Library Science in the State of Paraíba through documents of the Bachelor's Course in Library Science of the Universidade Federal da Paraíba having the following specific objectives: a) Identify the teachers of the Bachelor's Degree in Library Science at the Federal University of Paraíba since its foundation; b) Describe the course of consolidation and growth of the Bachelor's Degree in Library Science at UFPB and the contributions and professional actions of the professors in the institution and in the Paraíba scenario of Library Science; c) Synthesize the record of women who were/are protagonists in the implementation and consolidation of Librarianship Teaching in Paraíba in a timeline with the degree and period of linkage of professors to UFPB. The nature of the research is configured as quantitative and qualitative, characterizing itself as a bibliographic investigation with a documental nature. Publications and documents were identified for the collection and gathering of information about the teaching of Library Science in Paraíba, seeking to identify in the records the names and actions of the women who were at the forefront of the implementation process of the Bachelor's Course in Library Science at UFPB. In addition, the women who make up and composed the faculty of the Course, from its foundation to the present day, were identified, as well as the academic training of these professors, their activities in the institution and the period of bond with the institution. From the analysis and organization of the data, given the extension and nature of the project, the representation of the records was structured in the format of a timeline, in which two categories were established: the name of the protagonist teachers and the period they had/ are affiliated with the UFPB. It is concluded that the social protagonism of women in the Constitution and Consolidation of Library Science Teaching in Paraíba, from 1969 to 2022, is notorious. of invisibility, each one of them becoming social protagonists in their areas of activity, and highlighting the need for the representation of women in science, with a view to opening paths for other professors and researchers, inspiring them to continue in the struggle for change in the scientific scenario and for a more open, accessible and inclusive in the science.

Keywords: social protagonism. women in science. gender studies. Librarianship - Northeast. Federal University of Paraíba - UFPB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Conselhos Regionais de Biblioteconomia ativos e estados que abrange.....	29
Gráfico 1 – Cursos de Biblioteconomia na modalidade presencial vinculados a IES públicas da Região Nordeste ativos em 2022.....	32
Gráfico 2 – Cursos de Biblioteconomia na modalidade EAD vinculados a IES privadas da Região Nordeste ativos em 2022.....	33
Fotografia 1 – Docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB reunidas/os em comemoração aos 50 anos de fundação do curso.....	42
Quadro 2 – Protagonismo Social das Mulheres na Coordenação e Vice-Coordenação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Associação Brasileira de Escola de Biblioteconomia e Documentação – ABEBD

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB

Biblioteca Nacional – BN

Ciência da Informação – CI

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ

Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Curso de Mestrado em Ciência da Informação da UFPB – CMCI/UFPB

Departamento de Biblioteconomia e Documentação – DBD

Departamento de Ciência da Informação – DCI

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE

Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP

Instituições de Educação do Ensino Superior – IES

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas – ICFCH

Instituto Nacional do Livro – INL

Ministério da Educação – MEC

Núcleo Docente Estruturante – NDE

Organização Internacional do Trabalho – OIT

Pró-Reitoria para Assuntos de Graduação – PRAG

Produtividade em Pesquisa – PQ

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC

Projeto Pedagógico de Curso – PPC

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Universidade Federal do Cariri – UFCA

Universidade Federal do Ceará – UFC

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
3 O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CIÊNCIA.....	19
4 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES.....	25
4.1 Trajetória da Biblioteconomia no Nordeste.....	31
5 O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – LINHA DO TEMPO.....	54

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, nação estabelecida sob influências externas portuguesas oriundas do processo de colonização decorrente da prática de violências institucionais e materiais, da desolação física e cultural dos povos originários e das estratégias políticas que promoveram a exploração e a expropriação dos territórios originalmente indígenas (SILVA, 2018), entre os séculos XVI e XIX, os valores e os costumes disseminados foram pautados no patriarcalismo hegemônico. Nesse contexto, a figura masculina era contemplada com os direitos mais básicos, e as relações de poder se estabeleciam com base nesse sistema.

As raízes profundas do sistema patriarcal em que a sociedade brasileira foi edificada favoreceram a instauração de papéis de gênero que proporcionaram aos homens mais acesso e a dominância da esfera pública, causando, por consequência, a reclusão da figura feminina à esfera privada, fazendo-a responsável pelo trabalho - invisível e não remunerado - doméstico (SAFFIOTI, 2015; SAMARA, 2002; SILVA; ÁVILA; FERREIRA, 2005).

Enquanto na sociedade capitalista em que estamos inseridas/os, o cenário do mundo do trabalho é marcado por reformas constantes, perdas de direitos e alterações nas legislações trabalhistas, a realidade das mulheres passa por transformações que só se tornaram possíveis a partir do crescimento e da intensificação dos movimentos sociais das mulheres, chamados de movimentos feministas (AZEVEDO; RABAT, 2012; TELES, 1999). Quanto à inserção das mulheres no mundo do trabalho com regulamentação profissional e direitos assegurados, vem acontecendo de forma gradual e nem um pouco permissiva.

Segundo Fábio Góes e Fernanda Machado (2021), o trabalho das mulheres tem as seguintes características: mais ocupação em postos de trabalho que não exigem uma alta qualificação, marcados pela vulnerabilidade decorrente de contratos firmados em desacordo com as legislações trabalhistas que asseguraram o direito das trabalhadoras; baixa remuneração salarial; menor ocupação de cargos de direção; maior taxa de desemprego e insípida representação em esferas de diálogo social.

As transformações na realidade das mulheres como cidadãs podem ser observadas no contexto internacional. Maria Amélia Teles (1999) enuncia que, no período entre 1789 e 1793, já se falava no direito das mulheres, quando Olímpia de Gouges, em plena Revolução Francesa, propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e, anos depois, segundo Débora Azevedo e Márcio Rabat (2012), na Nova Zelândia, no ano de 1893, as mulheres daquele país obtiveram o direito de votar. Em contrapartida, no panorama nacional, somente no ano de 1932, com o Novo Código Eleitoral (Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, do chefe do Governo

Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil) e, depois de muita insistência e resistência das integrantes do movimento sufragista, as mulheres brancas pertencentes à elite brasileira conquistaram o direito de votar e subverteram o que tinha sido, até então, postulado como a ordem natural das coisas.

Se, nas mais variadas instâncias sociais, a história das mulheres é marcada por grandes esforços, sua trajetória na ciência não seria diferente. Débora Azevedo e Márcio Rabat (2012) afirmam que, somente no ano de 1879, elas tiveram autorização do Governo brasileiro para estudar em instituições de ensino superior, e só em 1887, formou-se a primeira médica do país, Rita Lobato Velho, na Faculdade de Medicina da Bahia. Ao estudar minimamente a história, pode-se constatar a longa jornada de luta das mulheres pela ampliação de seus direitos, pela inclusão social e pelo protagonismo na sociedade.

Neste estudo, delimitou-se a seguinte questão de pesquisa: Quem foram e são as mulheres que atuaram como protagonistas sociais na constituição e na consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba? Nessa perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa é de **evidenciar o protagonismo social das mulheres, que atuam e atuaram desde 1969 até 2022 como docentes no curso presencial de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba.**

No que tange aos objetivos específicos, a pesquisa propôs-se a:

- a) Identificar as docentes do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba desde a sua fundação;
- b) Descrever o percurso de consolidação e crescimento do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na UFPB e as contribuições e atuações profissionais das docentes na instituição e no cenário paraibano da Biblioteconomia;
- c) Sintetizar o registro das mulheres que protagonizaram/protagonizam a implantação e a consolidação do Ensino de Biblioteconomia na Paraíba, em uma linha do tempo com a titulação e o período de vinculação das docentes à UFPB.

Este estudo se originou do desenvolvimento de três pesquisas realizadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado à Universidade Federal da Paraíba, e foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). A primeira, intitulada ‘Protagonismo das mulheres na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)’, foi realizada sob a orientação da Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes, no período de 6 de agosto de 2019 a 31 de

julho de 2020; a segunda – ‘Protagonismo social das mulheres na constituição e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Região Nordeste do Brasil’ – orientada pela Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves, no período de 9 de setembro de 2020 a 31 de agosto de 2021; e a terceira – ‘O protagonismo social das mulheres na formação e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Região Sudeste do Brasil’ - sob a orientação da Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves, no período de 10 de setembro de 2021 a 31 de agosto de 2022.

A escolha do tema abordado nesta pesquisa se justifica a partir da necessidade de visibilizar o protagonismo das mulheres na Ciência da Informação, em especial, na área da Biblioteconomia. Ao verificar o estado atual da arte na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) das produções científicas com os descritores “informação” e “gênero” nos títulos, resumos e palavras-chave, recuperaram-se 247 (duzentos e quarenta e sete) materiais. Esse resultado demonstra que vem crescendo o número de estudos que articulam a Ciência da Informação com os Estudos de Gênero. Com esta pesquisa, pretende-se contribuir para que esse avanço continue na área da Biblioteconomia e na CI.

A pesquisa é relevante para que, por meio da representação e da visibilização das mulheres como protagonistas na ciência, seja desconstruído o imaginário social de que só os homens podem ser cientistas, e elas possam trilhar caminhos em busca de superar as desigualdades de gênero, uma vez que, segundo a Organização das Nações Unidas (2022), a plena igualdade de gênero ainda não é uma realidade em nenhum país no mundo e estima-se que levará 300 (trezentos) anos para alcançá-la.

Além disso, pretende-se, com este estudo, atender ao compromisso da Organização das Nações Unidas (2015), ao elaborar a Agenda 2030 (vinte e três) e traçar 17 (dezessete) objetivos globais para o desenvolvimento sustentável do planeta, em que todos os países e todas as partes interessadas se comprometeram a atuar de forma colaborativa. O objetivo 5 da agenda 2030 é de promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, visando à construção e à promoção de uma ciência aberta e inclusiva para todas, todes e todos.

Portanto, a partir das reflexões acerca das construções sociais que resultaram no estabelecimento dos papéis de gênero mencionados, das mulheres que lutaram e continuam lutando pela quebra desses padrões e de minha vivência em sala de aula, recebendo os ensinamentos de professoras que são protagonistas na história da constituição e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba e para além dela, senti-me motivada a desenvolver um estudo científico que versasse sobre o protagonismo social das mulheres no ensino de Biblioteconomia na Paraíba.

Essa escolha se deveu à compreensão dos efeitos da masculinização da ciência e por concordar com o pensamento da pesquisadora Londa Schiebinger (2008, p. 272) de que “trazer as mulheres para a ciência pode requerer e/ou resultar em mudanças nas teorias e práticas da ciência”. Assim, infiro que minha participação nos estudos de gênero na Biblioteconomia me possibilita contribuir para a quebra de modelos de pensamentos retrógrados de que a ciência é para os homens, visto que a investigação acerca das mulheres que protagonizaram e continuam protagonizando a história da Biblioteconomia na Paraíba torna visível a trajetória das professoras que romperam com discursos misóginos e persistiram em suas carreiras.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem desta pesquisa se configura como quanti-qualitativa. Essa escolha se justifica por estar em conformidade com os apontamentos da pesquisadora Maria Cecília Minayo e do pesquisador Odécio Sanches (1993), ao afirmarem que a pesquisa quantitativa tem como foco trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis. Já a pesquisa qualitativa visa aprofundar a complexidade dos fenômenos e dos fatos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e que podem ser captados intensamente.

A pesquisa também se caracteriza como uma investigação bibliográfica de caráter documental, e sua natureza bibliográfica está relacionada ao levantamento e à busca de dados em fontes secundárias, cuja finalidade, segundo as pesquisadoras Marina Marconi e Eva Lakatos (2022), é de colocar a/o pesquisadora/o em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

As fontes bibliográficas aqui consideradas abrangeram a imprensa escrita, em forma de bibliografia disponibilizada publicamente, nos vários suportes que continham registros e/ou informações sobre os marcos sócio-histórico-culturais do ensino de Biblioteconomia no Brasil, na Região Nordeste, no estado da Paraíba e na cidade de João Pessoa. Essas informações foram verificadas em livros, folhetos, páginas institucionais, portais educativos, artigos de periódicos, anais, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, que forneceram a revisão de literatura e as referências necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

Para Marina Marconi e Eva Lakatos (2022), a principal característica da pesquisa documental é tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias, as quais podem ser provenientes de arquivos públicos ou privados e ter sido registradas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre ou a posteriori.

Foram considerados como fontes deste estudo documentos oficiais, publicações administrativas, documentos particulares, fotografias autorais e o sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a Educação Superior no Brasil desde janeiro de 2007, o “e-MEC”. O acesso a esses documentos se deu na comunicação direta — pessoalmente e por meio de e-mails semiestruturados — com a Coordenação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, solicitando informações complementares e documentos, como, por exemplo, os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) que apresentassem registros de interesse da coleta de dados e do Livro de Atas da Coordenação do Curso

Biblioteconomia da UFPB com registros de reuniões do Colegiado do Curso no período de 1974 a 2002.

Como procedimento metodológico, utilizou-se a análise de conteúdo para identificar e ler os materiais coletados na pesquisa. A análise de conteúdo é utilizada no tratamento de dados de pesquisas qualitativas que, de acordo com Laurence Bardin (1977), consiste em identificar os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação. No método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), a análise foi feita em três etapas: a) pré-análise, que consistiu em localizar e organizar artigos científicos, teses, dissertações, livros e recortes de jornais que abarcassem a História da Biblioteconomia no Brasil e no Nordeste, o protagonismo social, os estudos de gênero, o Livro de Atas da Coordenação do Curso, o PPC do Curso e o Currículo *Lattes* das docentes do curso, com a finalidade de operacionalizar e sistematizar a interpretação dos dados. Posteriormente, foi feita uma leitura flutuante, a fim de conhecer o conteúdo integrado ao material e de definir o corpus da pesquisa; b) a exploração do material: nessa etapa, foram analisados os dados dispostos nos materiais selecionados, com a finalidade de compreender o texto, o que foi feito com a elaboração de fichamentos de citação e de registros no *Excell* dos nomes e das atuações profissionais das docentes pertinentes à pesquisa; c) tratamento dos resultados: nessa etapa, procedeu-se à inferência e à interpretação dos dados coletados e registrados, com a finalidade de se tornarem significativos para o apontamento das impressões causadas de acordo com o quadro teórico que compõe esta pesquisa.

O campo definido para coletar os dados abrangeu a página virtual institucional do curso, o Projeto Pedagógico do Curso, os documentos administrativos que estão sob a guarda de sua coordenação e a base de dados de currículos, grupos de pesquisa e de instituições - a Plataforma *Lattes* vinculada ao CNPQ. No e-Mec, foram coletados dados referentes ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba: o estado e o município ao qual pertence; o turno; a modalidade de oferta; o grau; a data de autorização; a data de início de funcionamento; a data de reconhecimento; a situação atual e a atual coordenadora. A busca e a coleta dos dados foram feitas no site institucional do curso, a fim de identificar o contato da coordenação do curso, seu Projeto Pedagógico e os nomes das mulheres que compõem e compuseram o quadro de docentes do curso desde sua fundação até os tempos atuais.

Por fim, feita a análise desses materiais, foram identificadas as docentes que participaram da constituição e da consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba, reconhecidas como protagonistas. Com base nesse mapeamento, foram coletados, na Plataforma *Lattes*, dados referentes à formação acadêmica dessas docentes, sua atuação na

instituição e o período de vinculação com a instituição. Os dados coletados foram organizados em forma de planilhas eletrônicas desenvolvidas no *software Microsoft Excell*, visando facilitar a leitura e a compreensão dos dados, e a representação e sistematização destes ocorreu com a elaboração de gráficos nesse mesmo *software*. A linha do tempo como produto final desta pesquisa foi criada com o manuseio do programa de desenho vetorial bidimensional para *design* gráfico desenvolvido pela *Corel Corporation: Corel Draw*.

3 O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CIÊNCIA

O conceito de protagonismo social cunhado por Henriette Gomes (2019) que foi concebido a partir da leitura crítica e reflexiva da obra de Sófocles (496-409 a.C.), retratada por Edmir Perrotti (2017), conduziu as discussões presentes nesta pesquisa. A história relatada por Sófocles se passa na Grécia Antiga, com a tragédia familiar que envolve *Antígona*, seus dois irmãos e o *Rei Creonte de Tebas*. Logo depois do falecimento dos dois irmãos de *Antígona* no campo de batalha, o *Rei Creonte* assumiu uma postura de discriminação e violação do direito de sepultar os corpos desses combatentes, quando resolveu deixá-los ao relento para serem devorados por animais, como consequência de suas atuações como opositores declarados do *Rei* ainda em vida.

Ao se deparar com tamanha injustiça, *Antígona* se vestiu de ousadia. Com uma postura regada de determinação, coragem e resiliência, ela assumiu uma posição de resistência, ao se dirigir a *Tebas* com argumentos respaldados nas leis vigentes da pólis na época, para que concedesse aos seus irmãos o direito de serem sepultados, como estava previsto por lei a todo/a cidadão/a grego/a. Contudo, depois de ser confrontado por suas tiranias, apesar de ter apresentado argumentos legítimos, o *Rei Creonte*, envolto na própria fúria, desprezando toda e qualquer possibilidade de diálogo, agiu de maneira violenta e autoritária e ordenou o sepultamento – e também silenciamento - de *Antígona*, ainda com fôlego de vida, em uma caverna subterrânea, distante o suficiente da superfície respirável, roubando-lhe o direito de viver (GOMES, 2019).

O posicionamento de *Antígona* diante do antagonismo do Rei revela o âmago do conceito de protagonismo social, de acordo com Henriette Gomes (2019), de que o protagonismo só existe quando se toma uma posição. A luta do público e do privado, o enfrentamento dos interesses individuais em prol do coletivo e o embate da arbitrariedade com o altruísmo são características particulares do ser protagonista social. Para a/o protagonista, só há uma maneira de se portar diante das injustiças que assolam o mundo: dedicando-se a uma vida comprometida com a “[...] valorização da vida cidadã, na qual é imprescindível o respeito ao outro, ao diferente, ainda que nesta luta não se apresente a vitória de imediato” (GOMES, 2019, p. 13). Nesse contexto, compreende-se o conceito de protagonismo social, sob o ponto de vista de Henriette Gomes (2019, p. 11), como a representação de:

[...] uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, [...] não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação.

Posto isso, salienta-se a importância de rememorar a historicidade da atuação das mulheres no mundo do trabalho e, posteriormente, na ciência, com vistas a visibilizar seu protagonismo social, ancorando-se na sabedoria africana enunciada pela escritora Chimamanda Adichie (2019, p. 32):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Sendo assim, é necessário o exercício crítico de reflexão sobre a tentativa de universalizar a história das mulheres no Brasil, respeitando os aspectos de cada contexto histórico. Nesse sentido, é importante evocar que as mulheres brancas e as negras vivenciaram – e vivenciam – de formas distintas as desigualdades de gênero, uma vez que as primeiras, mesmo sendo afetadas por discriminações de gênero, ainda se encontram em situação de privilégio em relação às segundas, no que se refere às condutas de discriminação racial impregnadas estruturalmente na sociedade e que, conseqüentemente, podem determinar sua classe social e os acessos a cultura, saúde, educação, alimentação, moradia e lazer.

Para compreender as discussões que se sucederão adiante neste estudo, adotou-se a perspectiva do conceito de gênero da teórica Heleieth Saffioti (2015), que compreende o gênero como um conceito aberto, que não se resume a uma categoria de análise, e a uma categoria histórica: **‘gênero é a construção social do masculino e feminino’** (SAFFIOTI, 2015, p. 47). A apropriação do conceito de gênero permite-nos dirigir um olhar crítico para as relações desiguais ocasionadas, com base na crença de que existe uma hierarquia de gênero de homens para com as mulheres na sociedade, de modo que o exercício da crítica viabilize ações de subversão dessas ideais retrógrados e limitantes.

De acordo com Maria D’Incao (1997), o século XIX foi marcado por diversas transformações na sociedade brasileira, que vai desde a consolidação do capitalismo, como sistema econômico e gerador de desigualdades sociais, até a construção e a expansão da vida urbana, que viabilizou a ascensão da burguesia, dando origem a novas dinâmicas domésticas, que afetavam, principalmente, tanto as mulheres brancas quanto as pretas, de modos excepcionalmente diferentes.

Conforme apontamentos de Miridan Falci (1997), no contexto do sertão nordestino do Brasil, neste mesmo século, ainda que as mulheres brancas pertencentes à elite tivessem certo grau de instrução, suas atuações eram restritas à esfera privada de sua residência,

distanciadas da esfera pública, que envolveria atuações na economia, na política, na sociedade e na cultura. As mulheres brancas, em todos os aspectos, principalmente no político, não eram consideradas cidadãs. Quanto às mulheres negras, sequer eram tratadas como seres humanas, porquanto eram animalizadas, objetificadas, e seus corpos eram usurpados e escravizados durante longos abomináveis anos.

Historicamente, a mão de obra laboriosa e fatigante é oriunda de mãos negras. As mulheres que foram escravizadas e trazidas à força para a Região Nordeste do Brasil, no século XIX, eram originárias de países como Angola, Benguela, Belundo, Cabinda, Cabundá, Canguinina, Cassange, Congo, Gabão, Mina, Moçambique, Muladona, Nagô e Quissamã. Elas eram expostas ao trabalho infantil, desde os cinco ou seis anos de idade, começando como rendeiras e, quando cresciam, eram realocadas para o trabalho braçal na roça, como tecelãs, fiadeiras, carpinteiras, azeiteiras, amas-de-leite, pajens, cozinheiras, costureiras, engomadeiras e mão de obra destinada a todo e qualquer serviço doméstico. Em contrapartida, nesse mesmo hiato, as mulheres brancas, pertencentes à elite, situadas no sertão nordestino, desempenhavam atividades intituladas de “prendas domésticas”, que compreendiam o ensino aos/às filhos/as e a ordenação da cozinha, da costura e do bordado – trabalho desempenhado pelas mãos de mulheres escravizadas – (FALCI, 1997).

Posteriormente, ocorreram ações reivindicatórias protagonizadas por integrantes dos movimentos feministas pelo direito de inserção equalitária das mulheres no mundo do trabalho e pela igualdade salarial, nos anos de 1950 a 1970, o que resultou na aprovação da igualdade de remuneração entre o trabalho masculino e o feminino para a mesma função desenvolvida, tanto no Congresso Nacional, quanto na Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1956, entrou em vigor no Brasil em 1958 (AZEVEDO; RABAT, 2012). Em contrapartida, as mulheres negras, ao longo da história, já eram maioria no mercado de trabalho, porém, em trabalhos precarizados, com longas jornadas e salários mal remunerados. Segundo a autora Flávia Biroli (2018, p. 22):

[...] é na conjugação entre gênero, classe e raça que as posições relativas se estabelecem de fato. Na pirâmide de renda e no acesso a postos de trabalho, à escolarização e à profissionalização, as mulheres brancas estão mais próximas dos padrões de oportunidades dos homens brancos e apresentam vantagens em relação aos homens negros. São as mulheres negras, acompanhadas de seus filhos, que integram a faixa mais pauperizada da população.

No contexto atual da sociedade brasileira, a herança racista e escravagista continua delimitando a ocupação dos locais de trabalhos das mulheres negras. De acordo com dados do recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que

objetivou verificar a inserção da população negra no mercado de trabalho brasileiro no 2º trimestre de 2022 no Brasil, 47,5% das mulheres negras são trabalhadoras desprotegidas, que trabalham sem carteira assinada, autônomas, sem contribuição com a Previdência Social e trabalhadoras familiares auxiliares. O rendimento médio mensal de 46% dessas mulheres é em torno de R\$1.680,00 (hum mil seiscentos e oitenta reais). Apenas 2,2% as mulheres negras ocupam cargos de direção e gerência no país (DIEESE, 2022).

Nessa mesma perspectiva, as mulheres foram apartadas do fazer científico, e suas contribuições foram invisibilizadas na História da Ciência. Isso se deve ao fato de que, em uma sociedade patriarcal, durante o século XX, a cultura dominante, proveniente desse modelo de sociedade, determinava as carreiras que eram adequadas para as mulheres e os homens, e a carreira científica era considerada imprópria para as mulheres (CHASSOT, 2004). Embora seja evidente o avanço cronológico para o século XXI, como sociedade, ainda há consideravelmente o que progredir.

Essas ações excludentes pautadas no gênero, as definições pré-determinadas dos trabalhos, das competências e dos lugares que devem ser ocupados pelas mulheres e as consequências disso remetem-nos à divisão sexual do trabalho, que as autoras Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p. 599) definem como:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.).

Para Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho parte de dois princípios organizadores: o da separação/classificação do trabalho em ‘feminino’ e ‘masculino’ e o da hierarquização, que produz a valorização do trabalho ‘de homem’ em detrimento ao ‘trabalho de mulher’. A desigualdade de gênero presente em determinados níveis hierárquicos mais elevados na ciência se justifica devido à existência do fenômeno denominado de ‘*Glass Ceiling*’, termo cunhado pela escritora Marilyn Loden (200-) durante um painel de discussão sobre o avanço das mulheres na ilha de Manhattan, em 24 de maio de 1978, e que, traduzido para o português, significa ‘Teto de Vidro’, que diz respeito às inúmeras barreiras – visíveis e invisíveis – que se erguem e segregam o acesso das mulheres a níveis mais elevados de hierarquia e cargos de liderança na carreira.

Embora alguns avanços no que concerne à inclusão das mulheres na ciência tenham sido auferidos em contraste com o passado, ainda há muito para ser alcançado no que diz

respeito à equidade de gênero no mercado de trabalho, na ciência e nas esferas da sociedade de forma geral. Estudos de gênero demonstram que as mulheres adentraram a carreira científica, mas, hierarquicamente, os cargos de gestão e de liderança ainda são majoritariamente ocupados pela figura masculina. De acordo com Fabiane Silva e Paula Ribeiro (2014, p. 450),

[...] tomando como referência o número de bolsas PQ do CNPq por categoria e sexo do bolsista (BRASIL, 2012), dados de 2010 mostram que as mulheres representam apenas 34,8% do número de bolsistas, sendo que o número de mulheres decresce conforme aumenta a hierarquia acadêmica.

Conforme o último e mais recente censo realizado no ano de 2016 pelo CNPQ, informado no Diretório dos Grupos de Pesquisa da Plataforma *Lattes*, a distribuição percentual das/os pesquisadoras/es, segundo o sexo, é constituída 50% de homens e 50% de mulheres. No que se refere à distribuição de pesquisadoras/es, também por sexo, porém segundo a condição de liderança, a distribuição de líderes de grupos de pesquisa revela que 53% deles são homens, e 47% são mulheres (CNPQ, 2016).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021), as mulheres representam atualmente apenas 33,3% das pesquisadoras no mundo, das quais somente 12% integram academias de ciências nacionais. Dados de um estudo recente realizado pelas pesquisadoras Rocelly Cunha, Magda Dimenstein e Candida Dantas (2021) sobre o panorama das bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) vinculadas ao CNPQ apontam que, do total de 4.601 (quatro mil seiscentos e uma) mulheres bolsistas PQ distribuídas nas grandes áreas do conhecimento, 2.188 (dois mil cento e oitenta e oito) são das intituladas Ciências da Vida; 1.650 (hum mil seiscentos e cinquenta) integram as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e apenas 763 (setecentos e sessenta e três) compõem a área de Engenharia, Ciências Exatas e da Terra.

Vale salientar que, do total de 12.917 (doze mil novecentos e dezessete) bolsas, 8.316 (oito mil trezentas e dezesseis), o que equivale a 64,4%, são ocupadas por homens; e somente 4.601 (quatro mil seiscentas e uma), que equivale a 35,6% das bolsas, são ocupadas por mulheres (CUNHA, DIMENSTEIN, DANTAS, 2021).

A situação se agrava no Brasil quando levado em consideração o perfil étnico-racial das pesquisadoras. A jornalista Lola Ferreira (2018) afirma que o índice de mulheres pretas e pardas com Doutorado atuando na docência somam 3% no país, e similarmente, no ano de 2017, o número de bolsas distribuídas pelo CNPQ para pesquisadoras pretas foi de 3%, ao passo que o percentual de bolsas destinadas às pesquisadoras brancas foi de 31%. Esses dados revelam a persistência das desigualdades de gênero e raciais na ciência brasileira no que tange à alta concentração de mulheres em áreas do conhecimento científico historicamente categorizadas

como ‘femininas’ e a presença, ainda insipiente, das mulheres pretas no cenário científico nacional.

Sendo assim, concorda-se com a autora Sueli Carneiro (2011, não paginado), quando assevera que “[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida”. Diante disso, considera-se necessário o empenho de toda a sociedade na luta e no enfrentamento das raízes do racismo e do sexismo, atuando na cobrança governamental por políticas públicas que assegurem a erradicação das desigualdades sociais.

Nesse sentido, são notórias a disparidade de gênero na ciência e a luta constante pela inserção das mulheres em lugares que antes só podiam ser ocupados pelos homens. A esse respeito, veja-se este posicionamento de Attico Chassot (2004, p. 12):

Quais as mulheres proeminentes que aparecem na constelação de grandes compositores, pintores ou escultores? Também na Filosofia encontramos nomes de poucas mulheres, se comparado com os de homens. A Teologia é uma área de domínio dos homens. Tanto na Academia Brasileira de Ciência como Academia Brasileira de Letras o número de mulheres é muito pequeno, inclusive nesta só muito recentemente as mulheres puderam estar incluídas entre os assim chamados “40 imortais”. Poderíamos acrescentar o quanto são predominantemente masculinos os parlamentos, tanto no mundo ocidental quanto no oriental.

Nesta pesquisa, a invisibilidade das mulheres é considerada um problema social que requer o agir protagonista para desconstruir essa realidade, possibilitando mudanças no contexto das produções científicas. Todavia, essa ação protagonista já pode ser visualizada, por exemplo, no campo da Ciência da Informação, no crescimento do cenário de produções científicas sobre mulheres nos últimos anos, como retratam os resultados das pesquisas de Leilah Bufrem e Bruna Nascimento (2012); Mariana Xavier e Nair Kobashi (2019); Maria Luciano, Gisele Côrtes, Rebeca Cardone, Vanessa Cardoso e Gracy Martins (2022).

Partindo das considerações expostas neste capítulo, evidencia-se o protagonismo social das mulheres na ciência e o quanto elas têm lutado e resistido aos mecanismos de opressão que têm como consequência a invisibilidade das mulheres como seres sociais, que insistem e persistem em se tornar protagonistas das próprias histórias e nas áreas profissionais em que decidiram construir suas carreiras.

4 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES

No Brasil, a história da Biblioteconomia iniciou-se com a chegada das primeiras bibliotecas. De acordo com a professora Maria Apóstolo (2020), as primeiras bibliotecas que adentraram o solo brasileiro foram conduzidas pela ação dos jesuítas – conhecidos como primeiros bibliotecários do Brasil, pois eram os responsáveis por cuidar dos exemplares das bibliotecas – e se instalaram em colégios jesuítas na Bahia, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, no final do Século XVI, e os materiais que compunham o acervo eram de cunho estritamente religioso e “educativo”, de interesse difuso da fé católica, como, por exemplo, os títulos que abordavam doutrina, liturgias e teologia, misturados com obras para o ensino da língua latina. Essas inúmeras obras tinham o intuito de realizar a catequização, a adequação e a comunicação com os povos indígenas.

A Biblioteconomia brasileira tem raízes na cidade do Rio de Janeiro. A bibliotecária Laura Russo (1966) declara que, com os esforços empreendidos pelo pernambucano Manuel Cícero Peregrino da Silva, na época, diretor da Biblioteca Nacional (BN), no período de 1900 a 1924, por meio do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, que dispôs sobre o Regulamento da BN, determinou-se a criação do primeiro Curso de Biblioteconomia no país, vinculado à BN, que, ao mesmo tempo, foi o terceiro Curso de Biblioteconomia da América Latina (FONSECA, 1979).

Embora o decreto de criação do curso da BN fosse do ano de 1911, ele só começou a funcionar em abril de 1915 (RUSSO, 1966), segundo a pesquisadora Gabrielle Tanus (2018), porque, no ano de 1912, de forma autodeclarada, o diretor da seção de impressos da BN, que foi transferido para a seção de manuscritos, afirmou uma falta de aptidão de sua parte para ministrar as aulas, e também, porque as/os inscritas/os desistiram. Nos anos de 1913 e 1914, em que se sucedeu a criação do curso, não houve candidatas/os inscritas/os para ingressarem no curso. Posteriormente, em 1922, o curso foi encerrado pelo Decreto de nº 15.670, de 6 de setembro de 1922, por falta de recursos financeiros para que o curso continuasse funcionando (APÓSTOLO, et al. 2020, p. 24).

Segundo Castro (2000), o primeiro momento do Ensino de Biblioteconomia no Brasil se deu com a criação do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e exercia fortes influências francesas provenientes da *École Nationale des Chartes*, escola francesa que enveredava por vertentes humanistas e conservadoras. Gabrielle Tanus (2018) ressalta que esses parâmetros franceses condiziam com a cultura daquela época na cidade do Rio de Janeiro, que abrigava a sede do poder político e administrativo do País.

Além disso, conforme refere Souza (2009, p. 47 apud TANUS, 2018, p.173), o curso da BN tinha a finalidade de promover capacitação e formação profissional para as/os funcionários da BN naquela época e atender aos interesses da elite dominante. De acordo com a Biblioteca Nacional (2021), o curso tinha a duração de um ano, e o programa era puramente tecnicista. Isso se confirma com as disciplinas que o integravam: Bibliografia, Diplomática, Iconografia, Numismática e Paleografia. Do mesmo modo, também eram ministrados conteúdos de catalogação, classificação, organização e administração de bibliotecas.

O segundo momento do ensino de Biblioteconomia no Brasil ocorreu com a criação do Curso Elementar de Biblioteconomia, o segundo fundado e que, de acordo com a professora Heloísa Prado (1988), foi criado por iniciativa do diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, Rubens Borba de Moraes, em consonância com a bibliotecária, e posteriormente, professora do curso, Adelpha Figueiredo (na época Adelpha Silva Rodrigues) e com o auxílio do bibliotecário americano Mr. Arthur Gropp (ex-Miss Dorothy Muriel Gueddes), no ano de 1936.

Diferentemente do ensino de Biblioteconomia no Rio de Janeiro, o curso estabelecido em São Paulo tinha fortes influências modernistas e norte-americanas, devido ao fato de os estudos e a formação de Adelpha Figueiredo terem sido na *School of Library Science of Columbia University*, a primeira Escola de Biblioteconomia dos Estados Unidos da América, à contribuição do Mr. Arthur Gropp no processo de organização e criação do curso e às próprias recomendações do Diretor Rubens Borba de Moraes.

Segundo Heloísa Prado (1988), até o ano de 1953, o curso durava um ano. Porém, a partir de 1954, passou a ter uma duração de dois anos. Em 1960, foi reestruturado e se enquadrou nas exigências das leis que regem o ensino superior, com a extensão de dois para três anos. No programa do curso, caracterizado por um ensino também tecnicista, constavam as disciplinas: Bibliografia, Catalogação, Classificação, História do Livro e Organização de Biblioteca.

Apesar da similaridade com o ensino do curso do Rio de Janeiro, o curso de São Paulo tinha um teor de inclusão social, que é demonstrado nos índices de matrícula de sua aula inaugural, uma vez que a primeira turma do curso foi destinada a 157 (cento e cinquenta e sete) discentes, e a segunda, no ano de 1937, matriculou 215 (duzentos e quinze) discentes (APÓSTOLO, et al. 2020, p. 27; PRADO, 1988 p. 103).

Passados alguns anos, com a mudança no cargo da Prefeitura e com a atual gestão sem recursos para subsidiar o curso do Rio de Janeiro, seu funcionamento se estendeu até o ano de 1939. No ano seguinte ao término do curso, em 1940, Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes asseguraram um espaço para a continuidade do curso na Fundação Escola de

Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e, nesse mesmo ano, retomaram as atividades com 180 (cento e oitenta) discentes matriculadas/os (PRADO, 1988).

Como frutos do ensino de Biblioteconomia na FESPSP, formaram-se profissionais que posteriormente se tornaram fundadoras/es de outras escolas de Biblioteconomia no país, conforme afirmam Maria Apóstolo et al. (2020, p. 28-30):

Em 1943, por meio do prestígio de Rubens Borba de Moraes, a instituição angariou junto a Fundação Rockefeller um apoio financeiro que se estendeu até 1948. Nesse interim, o curso consolidou-se ainda mais por meio da concessão de bolsas de estudo a alunas e alunos de outras cidades e estados brasileiros, tais como Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Muitos desses estudantes fundaram, em suas regiões, escolas e faculdades que se tornaram importantes instituições de disseminação do ensino em Biblioteconomia.

Uma das egressas da Escola de Biblioteconomia do Estado de São Paulo foi a professora Etelvina Lima, que foi bolsista pela instituição que financiava o programa de bolsas na época, da Fundação Rockefeller, no segundo ano de atividade do curso, em 1944. Porém seu diploma foi emitido pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, instituição à qual o curso era vinculado naquele momento.

Ainda como bolsista, Etelvina já lidava com a obrigação autoimposta de difundir os conhecimentos adquiridos. Por esse motivo, interessou-se pela área de Biblioteconomia de tal modo que, ao ingressar no Instituto Nacional do Livro (INL) em 1949, como assistente técnica regional, rememorava sempre o compromisso outrora assumido e, no tempo oportuno, dirigiu-se ao secretário de Educação do Estado de Minas Gerais, Abgard Renault, e expôs suas intenções profissionais. No término da entrevista, foi incumbida de idealizar e fundar o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 1950 (SOUZA, 2000). Inicialmente, o curso foi nomeado de Escola de Biblioteconomia de Minas Gerais e integrou-se à UFMG em 29 de abril de 1963, 13 (treze) anos depois de fundado. Era um curso devidamente ministrado com base na legislação vigente e tinha a finalidade de proporcionar às/aos discentes uma formação necessária que viabilizasse o desenvolvimento futuro de bibliotecas e centros de documentação no Brasil (RUSSO, 1966).

A década de 1960 foi marcada pela ocorrência de marcos políticos que determinaram o reconhecimento e o fortalecimento da classe biblioteconômica brasileira. No ano anterior, em 26 de julho de 1959, durante o II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD) em Salvador - Bahia, a bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo e o bibliotecário Rodolfo Rocha Junior apresentaram a proposta de criar um organismo de ambiência nacional para coordenar as reivindicações da classe bibliotecária brasileira e apresentá-las às autoridades competentes por meio de suas Associações.

Essa proposta foi suscitada com base na tese elaborada pela bibliotecária e chefe do Serviço de Documentação da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, Luiza Fonseca, que tratava sobre aspectos de movimentos associativos e é fundamentada nas vivências de Laura e de Rodolpho, ao estudarem a organização e o funcionamento da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA), para, em 26 de julho de 1959, fundar a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), uma sociedade civil e sem fins lucrativos, cuja missão principal é defender e estimular o desenvolvimento da Biblioteconomia (RUSSO, 1984; FEBAB, 2022).

Simultaneamente, ainda na ocorrência do II CBBB, instituiu-se uma Secretaria Geral, com sede na cidade de São Paulo, composta pelas bibliotecárias Laura Garcia Moreno Russo, como secretária geral; Maria Helena Brandão, secretária; e Maria Alice de Toledo Leite, como tesoureira, que ficaram incumbidas de estruturar a recém-criada FEBAB. Durante o III CBBB, ocorrido na cidade de Curitiba, em janeiro de 1966, elegeu-se e tomou posse a primeira diretoria da FEBAB, assim constituída:

Laura Garcia Moreno Russo, presidente; Fernando Leite Ribeiro, vice-presidente; Maria Helena Brandão, secretária geral; Philomena Bocatelli, 1ª secretária; Odette Senna de Oliveira Penna, 2ª secretária; Maria Alice de Toledo Leite, 1ª tesoureira; Heloísa Medeiros, 2ª tesoureira; Cacilda Basilio de S. Reis, bibliotecária (RUSSO, 1984, p. 95).

A A Secretaria Geral também acompanhou os trâmites do Projeto de Lei nº 4.770/58, de 5 de dezembro de 1958, de autoria do deputado federal Rogê Ferreira, apresentado à Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, que dispõe sobre a profissão de bibliotecária/o e a regulação do seu exercício e recomenda a criação de Conselhos Regionais e Federais de Biblioteconomia (FEBAB, 1989; BRASIL, 1958).

Até o ano de 1962, a profissão de bibliotecária/o era exercida de modo liberal. Foi por meio da persistência de Laura Russo e de Maria Helena Brandão, no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), ao pressionar a aprovação da regulamentação da profissão de bibliotecária/o, que foi publicado o Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, que regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que, por sua vez, dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecária/o (BRASIL, 1962).

Nesse contexto, em 1963, foi instituído, também por iniciativa de Laura Russo, no IV CBBB, em Fortaleza, no Ceará, o primeiro Código de Ética Profissional da Classe Bibliotecária:

Em 1963 foi realizada a quarta edição do CBBB, tendo como sede a cidade de Fortaleza. Nela, Laura Russo expôs textos referentes ao movimento associativo, bem

como o anteprojeto do código de ética apresentado no evento anterior com correções. Assim, foi aprovado o primeiro Código de Ética do Bibliotecário Brasileiro (SANTA, NUNES, 2017, p. 60).

Antes disso, com o sancionamento da Lei nº 4.084, foi criado o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) em 1962, que só foi oficialmente instalado em março de 1966, com a posse dos membros de sua primeira gestão. Laura Russo foi pioneira no cargo presidencial. No mesmo ano, teve início o processo de fundação dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia pelo Brasil, a partir da Resolução nº 4, de 17 de agosto de 1966, que resolveu criar dez Conselhos Regionais de Biblioteconomia dotados de personalidade jurídica de direito, autonomia administrativa e de autonomia financeira (CFB, 1966). Atualmente, as instituições que representam a classe bibliotecária contam com 14¹ Conselhos Regionais ativos, distribuídos pelo país e que, desde o ano de 2010, foram nomeados de Sistema CFB/CRB, a saber:

Quadro 1 – Conselhos Regionais de Biblioteconomia ativos e estados que abrange

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA	ESTADOS
CRB – 1	Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
CRB – 2	Pará, Amapá e Tocantins
CRB – 3	Ceará e Piauí
CRB – 4	Pernambuco e Alagoas
CRB – 5	Bahia e Sergipe
CRB – 6	Minas Gerais e Espírito Santo
CRB – 7	Rio de Janeiro
CRB – 8	São Paulo
CRB – 9	Paraná
CRB – 10	Rio Grande do Sul
CRB – 11	Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima
CRB – 13	Maranhão
CRB – 14	Santa Catarina
CRB – 15	Paraíba e Rio Grande do Norte

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFB (2022).

Dentre os Conselhos Regionais de Biblioteconomia supracitados, destaca-se o CRB 15, criado por meio da Resolução nº 84, de 31 de outubro de 2007 do CFB, em decorrência da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 e do Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965. Em seu primeiro ano de atividades, em 2007, foi dirigido pelas delegadas-gestoras, a Profa. Dra. Edilene Toscano Galdino dos Santos e a Ma. Débora Costa Araújo. O CRB-15 assiste atualmente os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, com sede na cidade de João Pessoa,

¹Até o ano de 2010, existiam 15 Conselhos Regionais de Biblioteconomia, contando com o CRB-12, cuja jurisdição atendia a todo o estado do Espírito Santo, porém, em 1º de março de 2010, passou a ser uma Delegacia Regional do CRB-6 designada pelo CFB (CRB 6, 2022).

e sua missão é de “Fiscalizar o exercício da profissão nas jurisdições Paraíba e Rio Grande do Norte, impedindo e punindo as infrações à legislação vigente” (CRB 15, 2022).

Para além do resgate histórico dos cursos, convém mencionar os Cursos de Biblioteconomia da Região Sudeste, que foram extintos por razões diversas, porém deixaram um legado de formação profissional para integrantes da classe bibliotecária que obtiveram seus diplomas e puderam adentrar o mercado de trabalho. Dos cinco cursos cujas atividades foram encerradas, apenas um é do estado de Pernambuco – que será abordado no próximo capítulo – e quatro são do estado de São Paulo: 1 – o Curso de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo, fundado no ano de 1937, vinculado ao Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo e abrigado na Biblioteca Municipal de São Paulo, encerrou suas atividades em 1939, com 59 discentes formadas/os e, posteriormente, em 1940, foi incorporado à FESPSP; 2 – o Curso de Biblioteconomia Nossa Senhora de Sion, vinculado ao Colégio Nossa Senhora de Sion, que foi fundado no ano de 1948 e cujas atividades foram encerradas em 1949, com 22 discentes formadas/os; 3 – o Curso de Biblioteconomia do Instituto Caetano Campos, vinculado ao Instituto de Educação Caetano de Campos, do Governo do estado de São Paulo, foi fundado no ano de 1951 e encerrou suas atividades em 1953, com 25 discentes formadas/os; 4 – o Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia “*Sedes Sapientae*”, vinculado à Associação Instrutora da Juventude Feminina da Faculdade de Filosofia “*Sedes Sapientae*”, fundado no ano de 1944 e encerrado em 1960, com 306 (trezentos e seis) discentes formadas/os (RUSSO, 1966).

Concomitantemente, o acesso das mulheres ao ensino superior e a expansão do ensino de Biblioteconomia acontecem, segundo interpretações tecidas por Elisabeth Martucci (1996), devido a alguns fatores: conforme os homens vão se qualificando, aperfeiçoando sua formação e conquistando autonomia nas instituições de ensino, migram para cargos de poder. Assim, abre-se espaço para a atuação das mulheres na área da docência; o Magistério era uma das poucas profissões que possibilitavam conciliar o trabalho remunerado com o trabalho doméstico e acarretava validação social para as mulheres; com base em experiências históricas passadas, as mulheres eram vistas como mão de obra barata, com baixo envolvimento sindical e que se submetiam a salários e a condições de trabalho precárias; as mulheres eram detentoras de características de interesse do funcionalismo público, como, comprometimento, obediência servil, trabalho constante e fidelidade incondicional.

Dito isso, é possível afirmar que, no Brasil, as mulheres atuam como docentes do ensino de Biblioteconomia devido à mudança de interesse dos homens que, quando assumem cargo de Direção nas bibliotecas, surgem vagas para as mulheres no ensino superior, e elas,

como professoras pioneiras, abrem caminhos, por meio da representatividade feminina em sala de aula, para que outras mulheres, durante a formação, interessem-se pela área da docência e, posteriormente, tornem-se suas sucessoras no protagonismo da área (CÔRTES; MARTINS; GARCIA, 2019).

4.1 Trajetória da Biblioteconomia no Nordeste

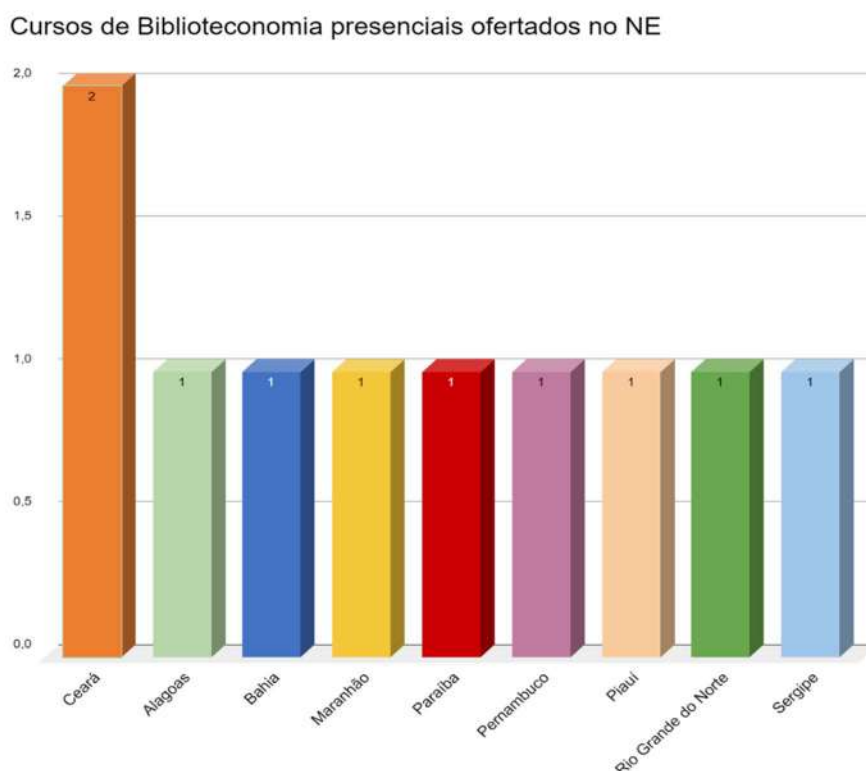
O Nordeste foi a segunda região do Brasil a ofertar o ensino de Biblioteconomia entre meados da transição do século XX para o século XXI, a partir de esforços empreendidos por meio de políticas de expansão das universidades federais no país (CÔRTES, MARTINS, GARCIA, 2019). Nessa região, o ensino de Biblioteconomia iniciou na cidade de Salvador, no estado da Bahia, com o primeiro Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Região, vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Começou a funcionar em 7 de março de 1942 e destacou-se por ser a primeira instituição pública de ensino superior do Nordeste a disponibilizar o ensino de Biblioteconomia para a população.

Posteriormente a isso, foram criados os cursos de Biblioteconomia vinculados à Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em 13 de janeiro de 1950; à Universidade Federal do Ceará – UFC, em 1 de janeiro de 1965; à Universidade Federal da Paraíba, em 5 de março de 1969; à Universidade Federal do Maranhão – UFMA, em 10 de março de 1969; à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 17 de março de 1997; à Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em 5 de abril de 1999; à Universidade Estadual do Piauí - UESPI em 2 de janeiro de 2003; à Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, que conquista autonomia universitária em 2013, sendo nomeada oficialmente como Universidade Federal do Cariri – UFCA, mas que tem como registro seu início de funcionamento em 18 de setembro de 2006, ainda como UFC, e por fim, a mais recente em ofertar o curso de bacharelado em Biblioteconomia, a Universidade Federal de Sergipe – UFS em 2 de março de 2009 (MEC, 2022).

Vale frisar que, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, em 1948, foi fundado o Curso de Biblioteconomia que fora vinculado à Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, cujo encerramento se deu por motivo da necessidade de migrar suas atividades para a Universidade Federal de Pernambuco, com a criação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia em nível de ensino superior em 1950. O curso, ligado à Prefeitura de Recife, ainda outorgou o diploma de Biblioteconomia a 17 discentes enquanto estava vinculado à Prefeitura (RUSSO, 1966).

Conforme as pesquisadoras Gisele Côrtes, Gracy Martins e Joana Garcia (2019, p. 72), “o Nordeste é hoje responsável por 22% dos cursos ofertados no país, sendo a segunda Região com maior número de cursos presenciais, todos gratuitos”. Dados do MEC (2022) apontam que existem dez Cursos de Biblioteconomia na história da constituição e da consolidação do Ensino de Biblioteconomia no Nordeste do Brasil, distribuídos na Região Nordeste, nas universidades públicas de ensino por estado, a saber: Alagoas (1), Bahia (1), Ceará (2), Maranhão (1), Paraíba (1), Pernambuco (1), Piauí (1), Rio Grande do Norte (1) e Sergipe (1), conforme demonstrado no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Cursos de Biblioteconomia na modalidade presencial vinculados a IES públicas da Região Nordeste ativos em 2022

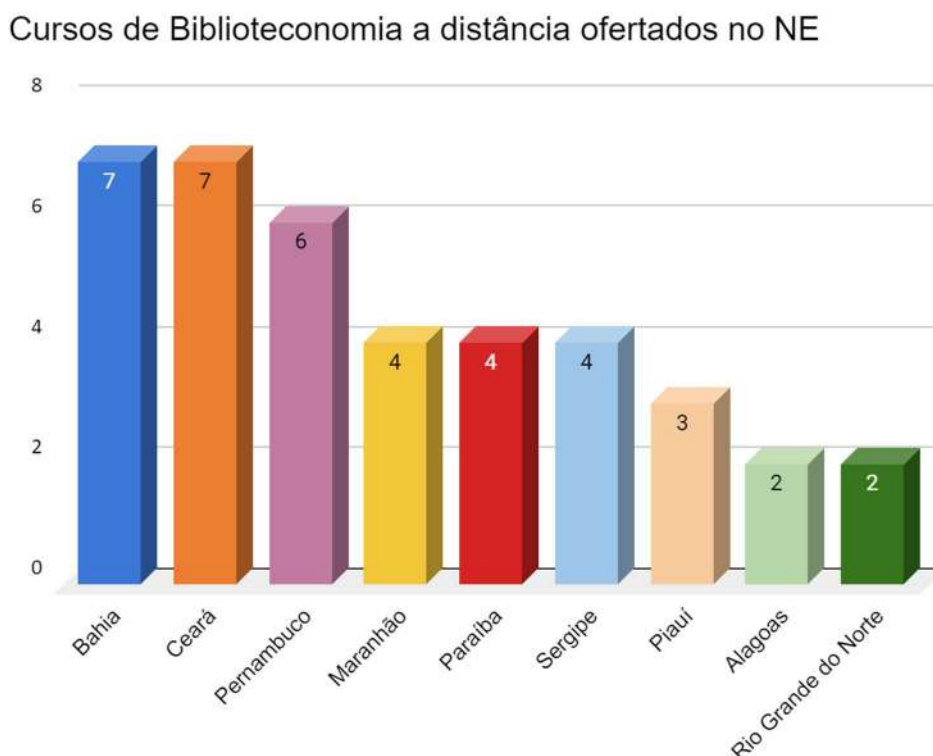


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (MEC, 2022).

Atualmente, segundo o MEC (2022), além dos Cursos de Bacharelado em Biblioteconomia ofertados presencialmente por instituições de ensino superior da rede pública, o Nordeste dispõe de ofertas de cursos na modalidade a distância vinculados a instituições de ensino superior da rede privada, portanto, são 39 (trinta e nove) cursos ofertados. Sua distribuição por estado e assim configurada: Alagoas (2), Bahia (7), Ceará (7), Maranhão (4),

Paraíba (4), Pernambuco (6), Piauí (3), Rio Grande do Norte (2) e Sergipe (4), conforme pode ser visualizado no Gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 – Cursos de Biblioteconomia na modalidade EAD vinculados a IES privadas da Região Nordeste ativos em 2022



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (MEC, 2022).

A partir da breve explanação sobre a trajetória da implantação e o panorama atual dos cursos da Região Nordeste do Brasil, é pertinente adentrarmos a história da constituição e da consolidação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia vinculado à Universidade Federal da Paraíba, localizado na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. Esse curso tem um notável protagonismo de professoras na graduação, desde que foi fundado, as quais são comprometidas com a preparação da/do profissional bibliotecária/o tanto para a inserção no mercado de trabalho quanto para o ingresso na Pós-Graduação, por meio de constantes ações em prol de investimentos em ensino, pesquisa e extensão, como pode ser atestado no capítulo seguinte.

5 O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

A Universidade Federal da Paraíba – UFPB foi fundada por meio da Lei Estadual nº 1.366, de 2 de dezembro de 1955, sancionada pelo então Governador do Estado da Paraíba, Flávio Ribeiro Coutinho, que dispõe sobre a criação da anteriormente denominada Universidade da Paraíba, com sede na cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba, cujo as finalidades delineadas para a instituição no ato da criação, foram:

a) estimular a investigação e a cultura filosófica, científica, literária e artística; concorrer para o aprimoramento da educação, entendida no seu conceito integral; b) empenhar-se pela formação e difusão de uma cultura superior, adaptada às realidades brasileiras; c) contribuir para a formação das elites dirigentes do Estado e do país; d) fomentar a cooperação no trabalho intelectual; e) concorrer para o desenvolvimento da solidariedade humana (PARAÍBA, 1955, p. 1-2).

Com a criação da Universidade da Paraíba, foi possível incorporar e unificar as escolas superiores já atuantes no estado, mas que, até o momento, encontravam-se dispersas geograficamente. São elas: a Faculdade de Filosofia da Paraíba, criada em 1949; a Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba, em 1951; a Faculdade de Odontologia da Paraíba, em 1951; a Escola Politécnica da Paraíba, em 1952; a Escola de Enfermagem da Paraíba, em 1954; a Faculdade de Direito da Paraíba, em 1953; a Faculdade de Medicina da Paraíba, em 1955; a Escola de Engenharia da Paraíba, em 1952 e a Escola de Serviço Social, em 1951 (PARAÍBA, 1955).

Alguns anos depois do início do seu funcionamento, devido à Lei nº 3.835, de 13 de dezembro de 1960, a instituição, até então com caráter estadual, foi federalizada e adotou o nome de Universidade Federal da Paraíba, com personalidade jurídica, autonomia didática, financeira, administrativa e disciplinar, e passou a integrar o Ministério da Educação e Cultura. No ato de sua federalização, atualizou-se o quadro de escolas que passariam a compor a instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Odontologia, Escola Politécnica, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Anexa de Enfermagem, Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Engenharia, Escola de Serviço Social da Universidade da Paraíba, Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande e Faculdade de Farmácia da Paraíba (BRASIL, 1960).

Com o processo de federalização, a UFPB se diferenciou das demais IES do país, cujas atividades eram, costumeiramente, concentradas em apenas uma localidade urbana, e passou a dispor de uma estrutura com sete *campi*, distribuídos nas cidades de Areia, Bananeiras, Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa, Patos e Sousa. No ano de 2002, com a Lei nº 10.419,

de 9 de abril de 2002, que dispõe sobre a criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), quatro *campi* da UFPB foram desmembrados: Cajazeiras, Campina Grande, Patos e Sousa, que foram integrados à UFCG (BRASIL, 2002; UFPB, 2022).

Atualmente, a UFPB conta com quatro *campi*: o **Campus I**, na cidade de João Pessoa; o **Campus II**, em Areia; o **Campus III**, em Bananeiras e o **Campus IV**, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto. O **Campus I** abriga o Centro de Biotecnologia (CBIOTEC), o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), o Centro de Educação (CE), o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), o Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), o Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), o Centro de Energias Alternativas e Renováveis (CEAR), o Centro de Informática (CI), o Centro de Tecnologia (CT), o Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR), o Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), o Centro de Ciências da Saúde (CCS) e o Centro de Ciências Médicas (CCM); o **Campus II** abriga o Centro de Ciências Agrárias (CCA); o **Campus III** abriga o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) e o **Campus IV**, o Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE) (UFPB, 2022).

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia está localizado no Campus I e foi o terceiro a ser criado na Região Nordeste. O professor Afonso Pereira e sua filha, Ana Flávia Torres Pereira da Silva, foram fundamentais no processo de criação do curso. De acordo com a professora Bernardina Freire e a bibliotecária Ma. Liliane Souza (2005), Afonso Pereira era representante do INL na Paraíba e, por meio dos cargos que exercia na UFPB, viabilizou a cooperação entre as duas instituições em prol da criação do curso. Em dado momento, o professor Afonso foi informado de que a UFPB receberia uma considerável quantia monetária para a implantação da Biblioteca Central, mas que dependeria da criação conjunta do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na instituição, o que não seria possível naquele momento, visto que ele não dispunha da documentação necessária para tal. À vista disso, foi com a iniciativa de Ana Flávia, que, coincidentemente, tinha interesse em cursar Biblioteconomia e fez um trabalho documental reunindo vasto material sobre os cursos existentes no país na época, que o curso pôde ser fundado com a documentação necessária.

A princípio, o curso esteve vinculado ao Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), obteve autorização datada em 6 de janeiro de 1969, por meio da Resolução nº 01/69, emitida pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), durante a gestão do reitor Guillard Martins Alves e do vice-reitor Serafim Rodriguez Martinez. Seu reconhecimento pelo Ministério da Educação só ocorreu em 1975, quando estava vinculado ao Departamento de Administração e Contabilidade do CCSA, com a publicação do Decreto nº

76.178 de 1 de setembro de 1975, na gestão do vice-reitor no exercício da Reitoria, Orlando Cavalcanti Gomes e do então presidente do Brasil, Ernesto Geisel (MEC, 2022; UFPB, 2022).

O Curso iniciou suas atividades em 5 de março de 1969, com apenas quatro professoras: Carmen de Farias Panet, Dijane de Oliveira Borba, Jeruza Lyra Lucena e Maria de Lourdes Arruda Melo (SOUZA; FREIRE, 2005; UFPB, 2007). No dia 2 de julho de 1974, houve a 1ª Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia, sob a presidência da profa. Maria de Lourdes Arruda Melo, com a presença de quem compunha o Colegiado na época: o Prof. Vilson Brunel Meller (vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas) e a Profa. Maria Martha Pimentel de Mello Torres (vinculada ao Departamento de Filosofia e História), despontando a primeira de tantas outras reuniões que abrigariam debates e decisões em prol do avanço no ensino de Biblioteconomia na UFPB.

De acordo com Gisele Côrtes, Gracy Martins e Joana Coeli (2019), em 1962, foi instituído o primeiro Currículo Mínimo, por meio do Parecer nº 326, datado de 16 de novembro de 1962 e homologado pela Portaria Ministerial de 4 de dezembro de 1962, e implementado nos cursos criados do ano de 1962 até 1981. A priori, as aulas do Curso de Biblioteconomia da UFPB eram ministradas no turno diurno. Com o passar do tempo, tanto o turno quanto a estrutura curricular passaram por modificações, mediante o acompanhamento dos debates da classe bibliotecária às/aos discentes no país, em prol de uma Biblioteconomia humanista e que acompanhasse a modernidade, que visasse não somente à aprendizagem e à disseminação das técnicas, mas também a realidade social em seu entorno, com enfoque na formação autônoma da/o usuária/o e para a geração de novos conhecimentos.

O primeiro registro de menção à reforma da estrutura curricular do curso com propostas elencadas sobre os componentes que deveriam integrar o novo currículo ocorreu na 4ª Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UFPB, em 6 de outubro de 1976. O novo currículo propunha as seguintes disciplinas: a) História do Livro e das Bibliotecas – 45h; b) Organização e Administração de Bibliotecas I, II e III – 60h; c) Catalogação I, II, III e IV – 60h; d) Classificação I, II e III – 60h; e) Bibliografia e Referência I, II, III – 60h; f) Documentação I e II – 60h; g) História da Arte – 60h; h) Evolução do Pensamento Filosófico e Científico – 60h; i) Paleografia – 60h; j) História das Literaturas I e II – 60h; k) Estudos de Problemas Brasileiros I e II – 30h; l) Educação Física; m) Introdução aos Estudos Históricos e Sociais – 60h; n) Teoria dos Conjuntos – 60h; o) Estatística – 60h; p) Introdução à Computação Aplicada à Biblioteconomia – 60h; q) Arquivologia – 60h; r) Estudo do Usuário – 60h; s) Sociologia I – 75h; t) Língua Inglesa I – 60h; e u) Práticas Integradas como

Estágio Integrado do Curso de Biblioteconomia, no último semestre letivo, com carga horária de 360h.

Depois disso, há registros em ata de que, em 1977, a profa. Maria Neusa de Moraes Costa, então coordenadora do Curso, juntamente com a profa. Myrian Gusmão de Martins, dirigiu-se à cidade de Recife, em Pernambuco, para discutir a respeito da reformulação do currículo. Em 28 de novembro de 1979, durante a 15ª Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UFPB, foi apresentado o novo currículo do curso, cuja relatora foi a Profa. Jeruza Lyra Lucena, que deu seu parecer favorável, que foi em debate e aprovado por unanimidade pelo Colegiado, que apresentou as disciplinas que passaram a integrar o novo currículo: a) Seleção, b) Multimeios, c) Fundamentos Científicos da Comunicação I, d) Filosofia da Educação I, e) Relações Públicas e Humanas, f) Biblioteca e Educação, g) Estatística Aplicada à Biblioteconomia e h) Elaboração e Apresentação de Trabalhos Monográficos.

Pouco depois, apesar de o currículo ter sido aprovado, durante a 18ª Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UFPB, em 22 de dezembro de 1980, foi posto em votação entre as/os membras/os do Colegiado o adiamento da implantação do Currículo de Biblioteconomia, versão de 1978, por meio da resolução 15/80, por unanimidade, e com o apoio da Pró-Reitoria para Assuntos de Graduação (PRAG), decidiram-se favoráveis à sustação até o ano de 1981, pois estavam diante da proposta de reestruturar o Currículo Mínimo de Biblioteconomia, elaborado pelo Grupo de Trabalho da Associação Brasileira de Escola de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) vinculado ao MEC. Contudo, chegando o ano de 1981, durante a 20ª Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UFPB, decidiu-se adiar, mais uma vez, a implantação do novo currículo para o ano de 1982. Com a Reforma do Currículo Pleno, a partir do estabelecimento do Currículo Mínimo em nível nacional, mediante a Resolução nº 8 do Conselho Federal de Educação, datada de 29 de outubro de 1982, o novo currículo foi implantado no respectivo ano, adaptando a nova estrutura curricular do curso por meio da Portaria nº 12/82 da PRAG (UFPB, 2007).

Na manhã do dia 16 de agosto de 1990, durante a 42ª (quadragésima segunda) Reunião Ordinária do Colegiado do Curso de Biblioteconomia, a professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, coordenadora do curso, inseriu na pauta, pela primeira vez, a proposta de implantar mais um turno para o curso, porém, sem um consenso, por ora. Essa proposta se originou da luta do Centro Acadêmico de Biblioteconomia, presidido, na época, pela aluna de Biblioteconomia, Maria de Lourdes Teixeira da Silva (atualmente bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Paraíba - SIB/UFPB), com apoio da aluna do curso, na

época, Edilene Toscano Galdino dos Santos (atualmente docente do DCI/UFPB). No dia 28 de setembro de 1990, em Reunião Extraordinária do Colegiado de Biblioteconomia, a professora Maria Neni de Freitas, membra do Colegiado, deu parecer favorável ao processo nº 06/90/DBD referente à criação do curso no período noturno, embasada na premissa que provinha de sua própria experiência, da necessidade de a/o discente trabalhar durante o dia para a própria sobrevivência e que, com o curso em horário noturno, teriam oportunidade de trabalhar durante o dia e estudar à noite. Com a publicação da Resolução nº 19 de 1992 do CONSEPE, o Curso Noturno de Biblioteconomia foi iniciado no período 93.1.

Com os crescentes debates em torno da evolução curricular nacional estimulados pelo movimento associativista da classe Bibliotecária, a Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) conduziu, de 1989 a 1992, um estudo curricular e fomentou, em encontros de docentes de Biblioteconomia no país, a ideia de aperfeiçoar os currículos; reflexões acerca da atualização pedagógica das/os docentes em sala de aula e melhorias na interação docente – discente. Também promoveu a aproximação das Escolas de Biblioteconomia do Brasil com as que integravam os países do Mercado Comum do Sul da América do Sul (MERCOSUL) (SOUZA, 2011).

Assim, de 1993 a 1998, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, o currículo do Curso de Biblioteconomia foi alvo de propostas de reestruturação, visando dispor de uma formação que preparasse a/o discente para atender às necessidades latentes da sociedade, tendo como enfoque: a interação cotidiana com as novas tecnologias de informação no ensino; a adoção de uma visão gerencial na prática bibliotecária; a expansão do entendimento dos suportes informacionais para além dos físicos; a interdisciplinaridade da área; a valorização da pesquisa científica; a educação continuada; a importância da atualização e a qualificação pedagógica e científica da/o docente, entre outros (UFPB, 2007).

Após 25 (vinte e cinco) anos das mudanças iniciais no currículo em favor da adaptação do ensino e da prática bibliotecária à realidade vigente e compreendendo as transformações na área, em 2007, com o novo Projeto Político Pedagógico, sugeriu-se a alteração na nomenclatura do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) para Departamento de Ciência da Informação (DCI), por uma questão de coerência com o novo momento da comunidade científica e da sociedade. Tal proposta urge também das mudanças advindas do cenário da Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação na UFPB, que, inicialmente, foi denominado de Curso de Mestrado em Biblioteconomia 9CMB/UFPB), o pioneiro no Nordeste, que funcionou de 1977 a 1995. Posteriormente, passou a ser chamado

de Curso de Mestrado em Ciência da Informação (CMCI/UFPB) - e esteve ativo de 1996 a 2001. Passados cinco anos, em 2006, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – PPGCI/UFPB, devidamente credenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja área de concentração era Conhecimento, Informação e Sociedade, e as linhas de pesquisa: a) Memória, organização e uso da informação; b) Gestão e políticas de informação (UFPB, 2007; UFPB, 2015).

Em 2021, 39 (trinta e nove) anos depois, desde a última reestruturação curricular, o Curso de Biblioteconomia continua adaptando seu currículo, a fim de ofertar uma formação profissional que esteja alinhada com as atuais demandas sociais e informacionais da sociedade. Por meio da Portaria nº1/2021, de 19 de maio de 2021, que estabelece a composição do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Graduação em Biblioteconomia, as professoras que compõem o NDE, a saber: Profa. Dra. Edilene Toscano Galdino dos Santos, Profa. Dra. Rosa Zuleide de Lima Brito, Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro, Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva, Profa. Dra. Edileuda Soares Diniz, Profa. Dra. Emeide Nóbrega Duarte, Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves, Profa. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva e Profa. Dra. Patrícia Maria da Silva. A Profa. Dra. Edilene Santos, coordenadora do curso, juntamente com o NDE, presidiu e conduziu, na 191ª (centésima nonagésima primeira) Reunião Extraordinária do DCI, a atualização do Projeto Curricular de Curso, que foi aprovado pelo DCI em 9 de novembro de 2021 e será implantado no ano de 2023.

Na Ciência da Informação, especificamente na área da Biblioteconomia, a presença e a atuação das mulheres são significativas, porque a maioria das mulheres tende a optar por áreas tradicionalmente reconhecidas como “femininas”, ao ingressarem no nível superior, como aponta Maria Ferreira (2003, p. 193-194):

[...] a maioria das mulheres, ao buscarem a profissionalização nas universidades, o faz privilegiando as áreas de educação, saúde e ciências sociais. São crescentes, portanto, o predomínio das mulheres nos cursos de psicologia, farmácia, nutrição. A essas áreas somam-se as profissões tradicionalmente reconhecidas como femininas: professora, enfermeira, assistente social e bibliotecária.

Elisabeth Martucci (1996, p. 238-239) enuncia que não somente os cursos mas também a biblioteca e o perfil da/o profissional bibliotecária/o eram retratados de forma equivocada, estereotipada e excludente:

Este espaço foi encarado como depositário do saber acumulado pela humanidade, de atmosfera sagrada, de rituais rígidos, que exigia do bibliotecário um perfil culto,

missionário, maternal, dedicado, leal e submisso às regras, no qual o estereótipo da mulher do século XIX também se enquadrava na perspectiva educacional.

Notavelmente as mulheres são protagonistas na construção histórica da área e na produção de conhecimentos, todavia não se isentaram do preconceito de gênero na Academia que se expressa de forma sexista, como afirma a pesquisadora Maria Ferreira (2003), ao referir que, na década de 50, a imagem que se tinha do Curso de Biblioteconomia era a mesma do de Pedagogia, ambos conhecidos como cursos direcionados às mulheres solteiras e pertencentes, de certo modo, à elite, uma vez que era necessário despende de tempo para se dedicar aos estudos, um tempo de que dificilmente as mulheres pertencentes às classes mais baixas dispunham.

São, portanto, vários os indícios de que, no decorrer da história, as mulheres têm protagonizado o Curso de Biblioteconomia, porém o avanço da profissão é impactado diretamente por questões inerentes à cultura patriarcal, que tende a diminuir as mulheres, suas ações e atuações, transformando profissões com maioria de mulheres em carreiras de baixo prestígio social, uma vez que, numa sociedade regida por uma cultura patriarcal, o prestígio pode estar associado a valores sociais negativos, e onde as mulheres estão presentes de forma substancial. Nas sociedades regidas por tais valores, esse lugar tende a ser desvalorizado, como assevera Maria Ferreira (2003, p. 197):

As profissões, de uma forma geral, possuem valores diferentes no mercado de trabalho, que podem ser avaliados de acordo com o salário médio ou pelo prestígio concedido pela sociedade. [...] Nas profissões femininas, entretanto, há uma tendência à desvalorização, independentemente do tempo médio de dedicação aos cursos de graduação. Essa desvalorização, segundo a autora, é reconhecida como aspecto estrutural de segregação ocupacional da mulher, direcionando sua escolha para esse tipo de profissão. A Biblioteconomia enquadra-se perfeitamente nesse fenômeno.

Assim, pode-se afirmar que, apesar do preconceito de gênero, do patriarcalismo hegemônico que permeia a sociedade e das inúmeras barreiras que se erguem para deter o avanço das mulheres na ciência, as professoras do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba insistem e persistem em subverter normas retrógradas sociais, políticas e culturais, que, durante anos, tentaram delimitar seus locais de pertencimento. Desde a fundação do curso, são 66 (sessenta e seis) mulheres atuando como protagonistas no corpo docente, ocupando cargos de confiança na Reitoria Universitária, chefiando o Departamento de Ciência da Informação, dirigindo a Coordenação do Curso, coordenando o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, presidindo Comissões e liderando grupos de estudos e pesquisas.

Visando preservar a memória e disseminar o protagonismo social das mulheres na consolidação e na constituição do ensino de Biblioteconomia na Paraíba, confeccionou-se uma linha do tempo que está disponibilizada no **APÊNDICE A**, descrevendo o nome, a titulação e o período de vinculação dessas docentes na instituição, partindo da primeira protagonista do curso, a Profa. Ma. Maria de Lourdes Arruda Melo, que também foi pioneira na Coordenação do curso e que se vinculou à instituição em 1974, seguindo, a partir dessa primeira, a ordem cronológica de menção. O *design* e a disposição das informações na linha do tempo foram construídos no *software Corel Draw*, a partir de um banco de dados criado e alimentado durante os anos de 2020, 2021 e 2022 no *Excell*, com os nomes das docentes que constituíram a frente de consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba. Esses nomes foram localizados com a leitura exaustiva de artigos científicos, Livro de Atas da Coordenação e na oralidade, com breve consulta à atual coordenadora, a Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito. Para localizar os nomes do quadro de docentes atualizado, consultou-se o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFPB.

No ano de 2022, o quadro de docentes do DCI, vinculado à UFPB, é composto de 38 (trinta e oito) professoras/es efetivas/os, voluntárias/os e substitutas/os, dentre as/os quais, 27 (vinte e sete) são mulheres e 11 (onze) são homens, quais sejam: Alba Lígia de Almeida Silva, Alzira Karla Araújo da Silva, Ana Cláudia Cruz Córdula, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Claudialyne da Silva Araújo, Danielle Alves de Oliveira, Ediane Toscano Galdino de Carvalho, Edilene Toscano Galdino dos Santos, Edileuda Soares Diniz, Edna Gomes Pinheiro, Eliane Bezerra Paiva, Emeide Nóbrega Duarte, Genoveva Batista do Nascimento, Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento, Gisele Rocha Côrtes, Gracy Kelli Martins Gonçalves, Izabel França de Lima, Julianne Teixeira e Silva, Luciana Ferreira da Costa, Lucilene Klenia Rodrigues Bandeira, Maria Amélia Teixeira da Silva, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Maria Meriane Vieira da Rocha, Marynice de Medeiros Matos Autran, Patrícia Maria da Silva, Rosa Zuleide Lima de Brito, Carlos Xavier de Azevedo Netto, Clézio Gontijo Amorim, Edvaldo Carvalho Alves, Guilherme Ataíde Dias, Henry Poncio Cruz de Oliveira, Jefferson Higino Da Silva, Luiz Eduardo Ferreira da Silva, Marckson Roberto Ferreira de Sousa, Valdir De Lima Silva e Wagner Junqueira de Araújo.

No ano de 2019, foram comemorados os 50 (cinquenta) anos do Curso de Biblioteconomia na UFPB, que reuniu o quadro docente ativo do Curso de Biblioteconomia e do DCI e algumas professoras que, embora já estivessem aposentadas, estiveram presentes e, com honras, contribuíram para constituir e consolidar o ensino de Biblioteconomia na Paraíba, conforme demonstra a fotografia 1 a seguir:

Fotografia 1 – Docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB reunidas/os em comemoração aos 50 anos de fundação do curso



Fotografia: Autoria própria (2019).

Nessa fotografia, temos, no palco, da esquerda para a direita: Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes; Prof. Dr. Luiz Eduardo Ferreira da Silva; Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento; Profa. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva; e a Profa. Ma. Danielle Alves de Oliveira. Da esquerda para a direita, no piso: Profa. Dra. Emeide Nóbrega Duarte; Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva; Profa. Dra. Edilene Toscano Galdino dos Santos; Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva; Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro; Profa. Ma. Alba Lígia de Almeida Silva; Profa. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia; Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula; Profa. Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran; Profa. Dra. Genoveva Batista do Nascimento; Profa. Dra. Ediane Toscano Galdino de Carvalho; Profa. Dra. Isa Maria Freire; Profa. Dra. Maria Meriane Vieira da Rocha; Profa. Dra. Luciana Ferreira da Costa; Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira; Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves; Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque e Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito.

Durante toda a história do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UFPB, as mulheres ocuparam majoritariamente cargos de liderança na hierarquia profissional, subvertendo os mecanismos de exclusão que contribuem para manter a segregação vertical no

mundo do trabalho. As professoras foram - e continuam sendo - protagonistas sociais na Coordenação do Curso de Biblioteconomia, conforme demonstra o Quadro 2:

Quadro 2 – Protagonismo Social das Mulheres na Coordenação e Vice-Coordenação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba²

DOCENTES	COORDENAÇÃO	VICE-COORDENAÇÃO
Profa. Azenate Senna de Oliveira	-	1983
Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire	2002	2001
Profa. Dra. Edilene Toscano Galdino dos Santos	2019, 2020, 2021	-
Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro	2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008	-
Profa. Dra. Emeide Nóbrega Duarte	-	1997, 1998, 1999
Profa. Dra. Genoveva Batista do Nascimento	-	2022
Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento	2011, 2012, 2013, 2014	-
Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque	1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999	1999, 2000
Profa. Dra. Marynice Medeiros Matos Autran	1999, 2000, 2001	-
Profa. Dra. Rachel Joffily Abath	1983, 1984, 1985, 1986, 1987	1982
Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito	2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2022	2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2019, 2020, 2021
Profa. Ma. Alba Lígia de Almeida Silva	-	2011, 2012, 2013, 2014
Profa. Ma. Carmen de Farias Panet	-	1982
Profa. Ma. Carmen Lúcia Siqueira Melo	-	1979
Profa. Ma. Edna Maria Torreão Brito	-	1993, 1994
Profa. Ma. Gláucia Guimarães da Silveira e Silva	1979, 1987, 1989, 1990, 1992, 1993	-
Profa. Ma. Jemima Marques de Oliveira	2001, 2002, 2008, 2009	-
Profa. Ma. Maria de Lourdes Arruda Melo	1974, 1976	-
Profa. Ma. Maria Neusa de Moraes Costa	1977, 1978	-
Profa. Ma. Walkíria Toledo de Araújo	1980, 1981, 1982, 1983	-
Profa. Maria das Graças de Lima Melo	-	1977
Profa. Maria Helena Rotta Soares	1978, 1979	
Prof. Dr. Adolfo Júlio Porto de Freitas	1992	1993

² Não foi possível sistematizar os dados por gestões, uma vez que ocorreram substituições devido à impossibilidade que algumas docentes tiveram de permanecer no cargo de Coordenação e Vice-Coordenação no decorrer do mandato. Para representar a temporalidade dessas atuações, achou-se pertinente elaborar um quadro contendo o nome da/o docente e o ano de atuação no cargo.

Fonte: Elaboração própria a partir do Livro de Atas do Curso de Biblioteconomia da UFPB (1974-2002) e do Currículo *Lattes* das professoras (2020-2022).

Com 48 (quarenta e oito) anos de história e gestão da Coordenação do Curso de Biblioteconomia, durante 46 (quarenta e seis) anos, a atuação em cargos de tomada de decisão foi e é feminina. Do total de 15 (quinze) docentes que atuam/atuaram na Coordenação, 14 (quatorze) são mulheres, o que equivale a 93%, em detrimento de apenas um homem, equivalente a 7%. O mesmo se repete na Vice-Coordenação, com 12 (doze) mulheres (80%) e apenas um homem (7%) nesse cargo. Dentre as docentes que atuaram na Coordenação do Curso, destaca-se o protagonismo da Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito, que, há 15 (quinze) anos, está à frente da gestão.

Destarte, é proveitoso evidenciar a atuação de professoras como Bernardina Freire, que foi Vice-Reitora da Universidade Federal da Paraíba de 2016 a 2020; Elizabeth Baltar, que atuou na Coordenação da Região Nordeste da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), de 1996 a 1997, atuou 18 (dezoito) anos na gestão do CFB e foi pioneira na Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), no cargo do Conselho Fiscal ainda como discente, na gestão de 1989 a 1991; Joana Coeli, que foi presidente da ANCIB, na gestão de 2008 a 2010; Isa Freire, que foi presidente da ANCIB, nas gestões de 2011 a 2014; Izabel França, por sua atuação, ainda como discente, no Conselho Fiscal, na ANCIB, na gestão de 2008 a 2010 e Eliany Alvarenga, que, em 1999, já tecia pesquisas sobre informação, sociedade e cidadania no contexto das práticas informacionais realizadas em organizações não governamentais do Nordeste, do Centro-Oeste e do Sudeste do Brasil, compromissadas com as questões feministas, em especial, a Cunhã Feminista, localizada no Nordeste, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. Em congruência com Gisele Côrtes, Joana Coeli e Gracy Martins (2019, p. 77, grifo nosso),

[...] é importante destacar nomes como das professoras **Rachel Joffily Abath**, pioneira nas pesquisas sobre os estudos de mulheres em Biblioteconomia, e **Mirian de Albuquerque Aquino**, pesquisadora que estudou e encetou a luta contra o racismo, na área. Ambas pioneiras/protagonistas nas formas individual e coletiva, trazendo para o universo acadêmico e para a formação profissional questões sociais que discutem o respeito e o direito das minorias.

Revisitando a história da Biblioteconomia no Brasil, no Nordeste e na Paraíba, evidencia-se a intensa e promissora jornada de luta das mulheres pela ampliação do Ensino de Biblioteconomia na Paraíba, inclusão social e protagonismo social na sociedade. Essas professoras são mulheres de luta e protagonistas sociais, pois, de acordo com Henriette Gomes (2019, p. 11),

O protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, [...] não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação.

Portanto, tendo em vista esse panorama, é indispensável afirmar que todas as mulheres, no espaço da sala de aula, tecendo saberes, no preparo e na ministração de disciplinas, no fazer científico e nas ações em prol do fortalecimento e do aprimoramento das políticas institucionais e da classe bibliotecária, enfrentam barreiras e antagonismos e resistem para serem reconhecidas e legitimadas no cotidiano profissional. As mulheres que atuam e aturam na consolidação e constituição do ensino de Biblioteconomia na Paraíba potencializam a representatividade feminina na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. Dessa forma, inspiram outras professoras, discentes, servidoras/es e pessoas externas à Academia para lutar por mudanças no cenário social e biblioteconômico, pois, apesar de ser uma área constituída majoritariamente de mulheres, ainda carece do reconhecimento que lhe é devido.

Por fim, convém registrar que uma das dificuldades encontradas para localizar os dados foi a de que muitos deles ainda estão preservados em documentos físicos e manuais. Por essa razão, é preciso, com urgência, migrar os registros físicos para os digitais, com vistas a organizar, a disseminar e a tornar pública, em Rede, a memória cronológica do Curso de Biblioteconomia da UFPB, o quadro docente, ao longo de sua fundação, e, principalmente, as gestões que compuseram a Coordenação do Curso e a Chefia Departamental. Para além disso, também é de suma importância registrar e atualizar o Currículo *Lattes* de cada docente ainda em vida, para que a informação disseminada seja constantemente atualizada fidedigna e, portanto, suficiente para se empreenderem novas pesquisas que possam surgir posteriormente, dispensando a necessidade de consulta pessoal para coletar informações sobre suas atuações profissionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a sociedade brasileira, é possível atestar, diariamente, a presença de papéis de gênero nas mais diversas instâncias sociais e nas relações interpessoais. A história foi construída com base no patriarcalismo, no qual se tem uma ideia distorcida de que a figura masculina é demasiadamente mais importante do que a figura feminina. Nesse sistema, o homem é detentor do poder nas esferas privada e pública, ao mesmo tempo em que desfruta dos mais variados privilégios sociais e do controle das propriedades, condicionando as mulheres à condição de subserviência no trabalho doméstico, invisibilizado e não remunerado.

Nos tempos atuais, é possível notar algumas mudanças significativas em relação ao papel das mulheres na sociedade e à conquista de direitos que, em tempos passados, só assistiam aos homens, ignorando a existência das mulheres e limitando suas possibilidades de atuação no meio social. Essas transformações se devem às ações de resistência de mulheres corajosas, guerreiras e visionárias associadas aos movimentos feministas, que, mesmo em meio a repressões e tentativas de silenciamento, não se renderam à opressão, lutaram e continuam lutando por mudanças e pelo estabelecimento de uma sociedade mais justa e igualitária na realidade atual e vindoura.

Ao imergir na trajetória do ensino de Biblioteconomia, tanto no Brasil, quanto na Região Nordeste, constatou-se, no estado da Paraíba, o protagonismo social das mulheres na constituição e na consolidação do ensino de Biblioteconomia, com notáveis atuações em prol do reconhecimento, expansão, regulação e valorização da classe e da cooperação para a evolução de um ensino que inicialmente fora somente tecnicista, para um ensino que busca atender às carências informacionais da sociedade.

Quanto aos objetivos propostos neste estudo, identificaram-se as docentes do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, desde sua fundação, descreveram-se o percurso de consolidação, o crescimento do curso e as contribuições e atuações profissionais das docentes na instituição e no cenário paraibano da Biblioteconomia e sintetizaram-se as atuações e o protagonismo das docentes em uma linha do tempo, com a titulação e o período de vinculação das docentes à UFPB.

Repleto de maestria, o corpo docente do Curso de Biblioteconomia, historicamente composto em sua maioria por mulheres, foi responsável pela formação de inúmeras/os bibliotecárias/os cujas realidades foram transformadas através da conquista de um diploma de Graduação em Biblioteconomia, que os propiciou ingressar em programas de pós-graduação; outras/os vislumbraram a inserção no mercado de trabalho, e outras/o optaram por seguir

também o caminho da docência, inspirando-se nos referenciais de professoras que encontraram em sala de aula.

Espera-se, portanto, a partir das informações apresentadas neste estudo, despertar o interesse de novas pesquisas na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação a respeito do protagonismo social das mulheres e das relações de gênero, com vistas ao fortalecimento de todas, todes e todos na luta por equidade de gênero na ciência e em todas e quaisquer outras instâncias sociais

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61 p.

APÓSTOLO, Maria das Mercês Pereira et al. **Biblioteconomia: passado e futuro de uma profissão**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2020. 84 p. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Editora/Livro%20Biblioteconomia_web_pag%20simples.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

AZEVEDO, Débora Bithiah de; RABAT, Márcio Nuno (org.). **Palavra de mulher: oito décadas do direito de voto**. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2012. 335 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL (Brasil). Memória. **Biblioteca Nacional inaugura o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 set. 2021. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/memoria-biblioteca-nacional-inaugura-o-primeiro-curso-de-biblioteconomia-do-brasil/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. 227 p.

BRASIL. **Lei nº 3.835, de 13 de dezembro de 1960**. Federaliza a Universidade da Paraíba e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1960. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3835.htm. Acesso em: 30 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF: Presidência da República, 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4084.htm. Acesso em: 7 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.419, de 9 de abril de 2002**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, a partir do desmembramento da Universidade Federal da Paraíba – UFPB [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10419.htm. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4.770, de 5 de dezembro de 1958**. Dispõe sobre o exercício de Bibliotecário e regula seu exercício. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, 1958. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1209859. Acesso em: 7 dez. 2022.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva. A questão de gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199-214, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33285>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. *E-book* [268] p. (Coleção Consciência em Debate). Disponível em: <https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/Racismo-Sexismo-e-Desigualdade-Sueli-Carneiro-1.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CASTRO, Cesar. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/42847>. Acesso em: 31 ago. 2022.

CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim, senhora!....**Contexto e Educação**. Editora Unijui. v. 19, n. 71/72. 2004. p. 9-28. Disponível em: www.saci.ufscar.br/data/solicitacao/39867_texto_a_ciencia_e_masculina.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Resolução n. 4, de 17 de agosto de 1966**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 ago. 1966. Seção 1, p. 2. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/516>. Acesso em: 7 dez. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil. **Censo atual**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 6ª REGIÃO. Comunicação. **Conheça a primeira Bibliotecária registrada no Espírito Santo**. Belo Horizonte, 6 jan. 2022. Disponível em: <https://crb6.org.br/materias/conheca-a-primeira-bibliotecaria-registrada-no-espírito-santo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 15ª REGIÃO. **Histórico**. [S.l.], 2022. Disponível em: <https://www.crb15.org.br/historico/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CÔRTEZ, Gisele Rocha; MARTINS, Gracy Kelli; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Protagonismo social das mulheres no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Selo Nyota, 2019. p. 61-82. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 28 jul. 2020

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPQ. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, n. especial 1, p. 83-97, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/X4B8B69D9cPFhxQbZDQSD6c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2022.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. DIEESE. **Brasil: a inserção da população negra no mercado de trabalho**. 2022. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2022/11/populacaoNegra2022.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p. 223-240.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389>. Acesso em: 21 jul. 2020.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p. 241-277.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. 1959: o início da estruturação e da organização da classe. **Jornal da FEBAB**, São Paulo, ed. esp. ago. 1989. Disponível em: http://www.febab.org.br/jornal_febab_agosto_1989.htm. Acesso em: 7 dez. 2022.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. **Missão e histórico**. [São Paulo], [2022]. Disponível em: <https://febab.org/sobre/missao/>. Acesso em: 7 dez. 2022.

FERREIRA, Lola. Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia. **Gênero e Número**, [s. l.], n. 10, 20 jun. 2018. Ciência, Educação & Cultura, não paginado. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, 2003, p. 189-201. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862003000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 9 dez. 2019.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979. 112 p.

GOÊS, Fábio; MACHADO, Fernanda. A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas. **Revista Eletrônica do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná**, Curitiba, v. 10, n. 99, p. 48-64, 2021. Disponível em: https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/189651/2021_rev_trt09_eletr_v0010_n0099.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 dez. 2022.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 10-21, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>. Acesso em: 19 ago. 2020.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [São Paulo], v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 10 dez. 2022.

LODEN, Marilyn. **Revisiting the glass ceiling**. [S. l.], 200-. Disponível em: <http://www.loden.com/Site/Site/Articles%20-%20Videos%20-%20Survey/C615CFE8-A70C-4E3A-9F81-8EACB0E087D0.html>. Acesso em: 29 fev. 2022.

LUCIANO, Maria Cristiana Félix; CÔRTEZ, Gisele Rocha; CARDONE, Rebeca Klywiann; CARDOSO, Vanessa Nunes; MARTINS, Gracy Kelli. Mediação consciente da informação no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: o uso dos termos ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nas pesquisas publicadas no período de 1994 a 2019. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1837/1394>. Acesso em: 12 nov. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. 354 p.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225-244, jul./dez. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/642>. Acesso em: 12 set. 2019.

MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-311X1993000300002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 22 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. e-MEC. **Cadastro nacional de cursos e instituições de educação superior**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2022.

NASCIMENTO, Maria Vanessa; FERREIRA, Aline Rodrigues; MARTINS, Gracy Kelli. A Biblioteconomia no Nordeste brasileiro: expansão e consolidação do ensino de graduação e pós-graduação. **Folha de Rostto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [Juazeiro do Norte], v. 3, n. esp., p. 5-17, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/52454>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Mulheres. **Igualdade de gênero está a três séculos de distância**. [S. l.], 7 set. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/09/1800321>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (Brasil). **Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Tradução Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil. Brasília, 15 set 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 19 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (Brasil). **Mulheres representam apenas 28% dos graduados em engenharia**. Brasília, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/111497-mulheres-representam-apenas-28-dos-graduados-em-engenharia>. Acesso em: 28 nov. 2022.

PARAÍBA. Lei nº 1.366, de 2 de dezembro de 1955. Cria a Universidade da Paraíba e dá outras providências. **Diário Oficial [do Estado da Paraíba]**: João Pessoa, p. 1-7, 6 dez. 1955. Disponível em: <https://www.ufpb.br/aci/contents/documentos/documentos-ufpb/lei-estadual-de-criacao-da-ufpb-1955.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PRADO, Heloisa de Almeida. Heloisa de Almeida Prado: entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, p. 101- 106, jul./dez. 1988. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18680>. Acesso em: 25 ago. 2022.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A biblioteconomia brasileira 1915-1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. 357 p.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. Laura Garcia Moreno Russo: entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [São Paulo], v. 17, n. 1, p. 93-97, jan./jul. 1984. Disponível em: https://brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_e7ba7f3122_0018332.pdf. Acesso em: 7 dez. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 158 p. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf. Acesso em: 27 nov. 2022.

SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira?: da colônia à atualidade. **Psicologia USP**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53500/57500>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 269-281, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjr/?format=pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

SILVA, Carmen; ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (org.). **Mulher e trabalho: encontro entre feminismo e sindicalismo**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2005. 130 p. Disponível em: https://soscorpo.org/wp-content/uploads/livro_Mulher_e_-Trabalho_MIOLO.pdf. Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/rX5FhPH8hjdLS5P3536xgxf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SILVA, Fabiane Ferreira da.; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: ser cientista e ser mulher. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, 2014, p. 449-466. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-73132014000200449&lng=en&nrm=iso&tlang=pt. Acesso em: 21 jul. 2020.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A ABEBD e o currículo de Bacharelado em Biblioteconomia no Brasil de 1967 a 2000. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 203-212, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4054/5608>. Acesso em: 8 dez. 2022.

SOUZA, Liliane Braga Rolim Holanda de Souza; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Afonso Pereira: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. **Biblionline**, [João Pessoa], v. 1, n. 1, não paginado, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/51408>. Acesso em: 11 dez. 2022.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. (Re)visitando os caminhos do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, p. 171-194, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1102>. Acesso em: 25 ago. 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 179 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Departamento de Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. [João Pessoa], 4 nov. 2015. Disponível em: <http://www.ccsa.ufpb.br/dci/contents/paginas/programa-de-pos-graduacao-em-ciencia-da-informacao>. Acesso em: 15 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Ministério da Educação. **Histórico**. [João Pessoa], 28 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/menu/institucional/apresentacao/historico>. Acesso em: 30 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Projeto Político-Pedagógico Curso de Biblioteconomia**. João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/documentos/ppp%20do%20curso%20de%20biblioteca>. Acesso em: 7 dez. 2022.

XAVIER, Mariana; KOBASHI, Nair Yumiko. Estudos sobre mulheres na ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]** Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1348/533>. Acesso em: 22 jul. 2020.

APÊNDICE A

LINHA DO TEMPO

O protagonismo social das mulheres na constituição e consolidação do ensino de Biblioteconomia na Paraíba no período de 1969 a 2022



* Atualmente

? Término de vínculo não localizado



Profa. Ma. Edna Maria Torreão Brito 1980 - ?	Profa. Maria Lizete Lelys 1980 - ?	Profa. Magna Celi Meira de Souza 1983 - ?
Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque 1989 - *	Profa. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia 1988 - *	Profa. Dra. Dulce Amélia de Brito Neves 1988 - *
Profa. Maria Angela Sítionio Vanderley 1990 - ?	Profa. Eliany Alvarenga de Araújo 1993 - ?	Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito 1993 - *
Profa. Maria Dinalva Medeiros de Morais 1995 - ?	Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira 1994 - *	Profa. Ma. Jemima Marques de Oliveira 1993-2014
Profa. Dra. Emeide Nóbrega Duarte 1996 - *	Profa. Dra. Mirian de Albuquerque Aquino 1996-2016	Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro 1998 - *
Profa. Maria de Fátima Santos de Araújo 2001 - ?	Profa. Ma. Denise Gomes Pereira de Melo 1998 - ?	Profa. Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran 1998 - *
Profa. Socorro de Fátima Pacifico Vilar 2001 - ?	Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva 2003 - 2022	Profa. Dra. Izabel França de Lima 2004 - *
Profa. Dra. Genoveva Batista do Nascimento 2009 - *	Profa. Dra. Isa Maria Freire 2008 - 2022	Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva 2004 - *
Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento 2009 - *	Profa. Dra. Ediane Toscano Galdino de Carvalho 2009 - *	Profa. Dra. Luciana Ferreira da Costa 2009 - *
Profa. Dra. Edilene Toscano Galdino dos Santos 2010 - *	Profa. Dra. Patrícia Maria da Silva 2009 - *	Profa. Dra. Maria Meriane Vieira da Rocha 2009 - *
Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes 2010 - *	Profa. Dra. Edileuda Soares Diniz 2013 - *	Profa. Ma. Maria Amelia Teixeira da Silva 2013 - *
Profa. Ma. Alba Lígia de Almeida Silva 2018 - *	Profa. Dra. Lucilene Klenia Rodrigues Bandeira 2017 - *	Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves 2017 - *
Profa. Ma. Liliane Braga Rolim Holanda de Souza 2018-2020	Profa. Ma. Maria de Lourdes Teixeira da Silva 2018 - 2020	Profa. Ma. Liliane Braga Rolim Holanda de Souza 2018-2020

Profa. Ma. Jussara
Ventura dos Santos

Profa. Ma. Maria de Lourdes
Teixeira da Silva

2019-2021

2019 - 2021

